

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

CAMILA DA SILVA FERRÃO

**O CONCEITO DE FANTASIA EM FREUD: DO ABANDONO DA TEORIA DE
SEDUÇÃO ÀS CONSTRUÇÕES EM ANÁLISE**

CURITIBA
2018

CAMILA DA SILVA FERRÃO

**O CONCEITO DE FANTASIA EM FREUD: DO ABANDONO DA TEORIA DE
SEDUÇÃO ÀS CONSTRUÇÕES EM ANÁLISE**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Psicologia Clínica, no Curso de Pós-Graduação em Psicologia, Setor de Ciências Humanas, da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Maurício José d'Escragnolle Cardoso

CURITIBA
2018

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO SISTEMA DE
BIBLIOTECAS/UFPR-BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS
COM OS DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR
Bibliotecário: Guilherme Luiz Cintra Neves – CRB9/1572

Ferrão, Camila da Silva

O conceito de fantasia em Freud: do abandono da teoria de sedução
às construções em análise / Camila da Silva Ferrão. – Curitiba, 2018.
89 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná. Setor de
Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia.
Orientador: Prof. Dr. Maurício José d'Escagnolle Cardoso

1. Fantasia. 2. Freud, Sigmund, 1856-1939. 3. Repressão
(Psicologia). 4. Psicanálise. I. Título. II. Universidade Federal do
Paraná.

CDD 150.1952



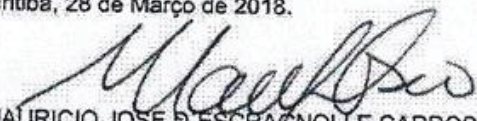
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PSICOLOGIA

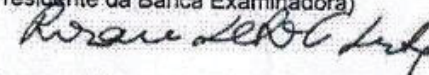
TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em PSICOLOGIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **CAMILA DA SILVA FERRAO**, intitulada: **O CONCEITO DE FANTASIA EM FREUD: DO ABANDONO DA TEORIA DE SEDUÇÃO ÀS CONSTRUÇÕES EM ANÁLISE**, após terem inquirido a aluna e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua Aprovação no rito de defesa.

A outorga do título de Mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

Curitiba, 28 de Março de 2018.


MAURICIO JOSE D'ESCAGNOLLE CARDOSO(UFPR)
(Presidente da Banca Examinadora)


ROSANE ZÉTOLA LUSTOZA(UFPR)


NADJA NARA BARBOSA PINHEIRO(UFPR)

AGRADECIMENTOS

Um horizonte de possibilidades aparece diante os olhos quando o fim de um processo se aproxima, tornando muito mais claro o que antes parecia incompreensivelmente sem fim. No caminho que se trilha, é inevitável o sentimento de angústia que amedronta e paralisa, acompanhado, em seguida, da esperança que salta às veias frente a uma nova descoberta. O melhor de tudo isso é saber que esses momentos de incerteza e euforia anunciam algo muito maior e de mais importância.

O trabalho está feito, porém não está acabado e nem poderia, mas de fato os primeiros passos foram dados e neste caminho eu nunca estive completamente sozinha. Por isso agradeço imensamente a todos que me acompanharam nessa incrível jornada, que me deu muito trabalho, muitas incertezas e muita alegria.

Neste percurso, talvez muito no início dele, estavam meus pais, Eunice e José, apresentando-me a vida com a beleza sutil que o cuidado inspira. A vocês sempre serei grata pelo constante esforço em me oferecer o melhor, pelos gestos de carinho, que acalentam o meu coração, e pelas palavras que contam histórias de uma vida que eu não vivi, mas que me tocam como se fossem minhas. Obrigada pelo lugar que me foi concedido, vocês me inspiram a ser um pouco mais quem eu sou.

Agradeço imensamente ao Anderson pelo amor e pela dedicação em me fazer feliz. Seu apoio foi fundamental nos momentos em que eu precisei estabelecer um ponto de partida e também quando precisei parar, afinal para que novas etapas se iniciem é preciso terminar outras, embora você tenha me convidado a ir um pouco mais além durante esta jornada, pois, às vezes, o que nos faz feliz é ir na contramão daquilo que esperávamos. Assim, no descompasso da dança que levanta o pó da estrada, decidimos viver aquilo que nos cabe e com a coragem daqueles que criam suas próprias histórias nos colocamos, hoje, a caminho de casa.

Também carrego em mim as doces palavras das minhas queridas amigas Amelia, Nayara e Fran. Vocês são especiais e me alegra o fato de saber que posso contar com vocês, seja nas nossas conversas sobre a psicanálise e a clínica, ou nos longos áudios sobre as futilidades da vida que nos diverte profundamente.

Sou grata aos meus colegas de mestrado, em especial à Josmeri, por me fazer perceber o quanto era necessário mudar e com sua intervenção, própria de uma grande analista, eu não pude mais ser a mesma e resolvi arriscar.

Agradeço ao DEDICA e a tudo o que tenho aprendido ao longo desses anos neste ofício que encanta e desafia. Sou grata à Luci Pfeiffer, fonte inesgotável de trabalho e dedicação, que me ensina o valor da escuta e que os esforços sempre valem a pena quando extraímos de nossos pacientes um sorriso sincero. Nesta jornada, também contei com o apoio e o acolhimento das minhas colegas de trabalho, que me incentivaram a apostar no meu desejo pela clínica de crianças, compartilhando a angústia e o sucesso dos nossos casos.

Um especial agradecimento à Astrid e Adriana, pois com vocês aprendo diariamente e, com nossas longas conversas, tudo fica mais leve. Obrigada pelo apoio, por me incentivar a procurar novas saídas, por lembrar de mim durante suas leituras de Freud, por me presentear com importantes textos e torcer pelo meu sucesso. Vocês são incríveis!

E incrível foi e é conviver com um grande psicanalista que teve um papel fundamental na escrita deste trabalho. Obrigada, Leo Cardon pela orientação, pelas sugestões, pelas indicações de leitura, pelas histórias e pelo acolhimento em momentos de muita angústia. Sinto-me honrada por contar com sua ajuda nesta jornada, que foi construída ao longo de nossos diálogos.

Agradeço também ao programa de Pós-graduação de Psicologia e aos seus professores, especialmente à Alessandra Bianchi pelo incentivo e pelo desafio a mim destinado, no qual Ana Sofia teve uma participação fundamental e a quem devo agradecer a confiança.

Ao Olivier, agradeço as provocações e a ajuda na etapa final deste trabalho que o tornou ainda mais expressão do meu desejo.

Ao meu analista, Jefferson Paraná, sou grata por me acompanhar nesta incrível jornada que envolveu grandes e profundas mudanças.

Agradeço imensamente à Prof^a Nadja que, desde o início, causou em mim grandes reflexões sobre o trabalho que eu queria construir. Muito obrigada pelas provocações e por me receber sempre disposta a colaborar, aliviando a minha angústia com sua escuta atenta. Suas intervenções foram essenciais e me fizeram bancar a escrita do trabalho que me possibilitou conhecer Freud e a psicanálise com muito mais admiração. Espero ter podido transmitir o encantamento dessa descoberta assim como é encantadora sua maneira de transmitir a psicanálise.

Ao Prof^o Roberto Calazans sou grata pela gentileza de aceitar participar da banca e colaborar com seu conhecimento para a construção desta dissertação.

E ao Profº Maurício agradeço a oportunidade de fazer parte de seu grupo e por me encorajar a escrever sem as amarras que o mundo acadêmico nos impõe.

Deixe-me compor poeta
Tire de mim o peso de uma estrada comprida
Rumo ao infinito imaculado e disperso horizonte
Bem à vista não fosse a lassidão do espaço em breu
que preenhe de luz lança sobre minha face oculta
o reflexo da imagem que existe pelas sombras onde eu
habito
Lugar de coisa alguma, em que tudo se perde
Dei-me conta da espera aflita
Busca de quem chega a caminhos distantes:
Longe fui porque nada sabia.
E na ausência crua de mim, tornei-me quem eu já era
embora não soubesse sê-lo de início.

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo discorrer acerca do conceito de fantasia na obra freudiana, desde o abandono da teoria da sedução até a elaboração da fantasia originária, construída por cada um a partir de sua própria análise. A relevância desse tema se dá pelo fato da fantasia ser um conceito bastante complexo e de difícil apreensão na teoria psicanalítica, estando entre os conceitos que marcaram um despertar na obra freudiana. Dessa forma, o que antes era considerado oriundo de uma vivência traumática, passou a ser considerado próprio de uma realidade psíquica, capaz de sobrepujar a realidade prática. Assim, por trás do sintoma que a histérica se queixava, Freud descobriu a fantasia, pronta para encobrir a divisão psíquica da qual o neurótico se constitui e nada quer saber, ao mesmo tempo em que tampona o caráter erótico das escolhas objetais nas quais o indivíduo se fixou na ânsia em se sentir completo. Como conclusões, tem-se que a fantasia possui um papel fundamental na própria estrutura neurótica, sendo a janela pelo qual se é possível apreender o mundo. Diante disso, é pela fantasia que a verdade de cada um pode ser alcançada, uma vez que somente por meio dela é possível acessar algo da origem que se perdeu. No entanto, essa origem que se pode alcançar não está dada *a priori*, ela é construída. Então, se a fantasia aprisiona por um lado, por outro, é por meio dela que se pode ter acesso a verdade de cada um. Freud construiu sua metapsicologia a partir de ideias abstratas, acentuando a necessidade de uma certa obscuridade na sua teoria para que novos avanços pudessem advir, convidando a todos que se submetem à psicanálise a também criarem a partir da falta, tal como o poeta que se presta a dizer um pouco mais sobre aquilo que nele é indizível.

Palavras-chave: Fantasia. Freud. Repressão primordial. Teoria da sedução. Construções em análise.

ABSTRACT

The present work aims to discuss the concept of fantasy in Freud, from the abandonment of the theory of seduction until the elaboration of the original fantasy, constructed by each person based on his own analysis. The relevance of this theme is given by the fact that fantasy is a very complex concept and difficult to grasp in psychoanalytic theory, being among the concepts that marked an awakening in the Freudian work. In this way, what was previously considered as coming from a traumatic experience, came to be considered proper of a psychic reality, capable of surpassing practical reality. Thus, behind the symptom which the hysteric complained about, Freud discovered the fantasy, ready to cover up the psychic division of which the neurotic is constituted and wants nothing to know, at the same time as it blocks the erotic character of the object choices in which the individual she stared at the eagerness to feel complete. As conclusions, it has been that the fantasy plays a fundamental role in the own neurotic structure, being the window through which it is possible to apprehend the world. Faced with this, it is by the fantasy that the truth of each one can be reached, since only through it it is possible to access something of the origin that has been lost. However, this origin that can be achieved is not given a priori, it is constructed. So if the fantasy imprisons on the one hand, on the other, it is through it that one can have access to the truth of each one. Freud constructed his metapsychology from abstract ideas, emphasizing the necessity of a certain obscurity in his theory so that new advances could come, inviting to all who submit to the psychoanalysis to also create from the fault, like the poet that lends itself to say a little more about what is unspeakable in it.

Keywords: Fantasy. Freud. Primordial repression. Theory of seduction. Buildings under analysis.

RÉSUMÉ

Ce travail a pour objet de réfléchir au concept de fantasme dans l'œuvre freudienne, de l'abandon de la théorie de la séduction à l'élaboration du fantasme originel, construite par chacun à partir de sa propre analyse. La pertinence du thème réside dans le fait que le fantasme est un concept très complexe et d'une approche difficile dans la théorie psychanalytique, du fait qu'il fait partie des concepts qui ont marqué un réveil de l'œuvre freudienne. De cette façon, ce qui auparavant était considéré comme venant d'un vécu traumatique, a commencé à être considéré comme le propre d'une réalité psychique, capable de surpasser la réalité pratique. Ainsi, derrière le symptôme dont l'hystérique se plaignait, Freud a découvert le fantasme prêt à cacher la division psychique, dans laquelle le névrotique se constitue et où il ne veut rien savoir, en même temps qu'il tamponne le caractère érotique des choix des objets sur lesquels l'individu s'est fixé dans la perspective de se sentir entier. En conclusion, il est apparu que le fantasme possède un rôle fondamental dans la structure névrotique en elle-même, en étant la fenêtre par laquelle il est possible d'appréhender le monde. Par conséquent, c'est au travers du fantasme que la vérité de chacun peut être atteinte, puisque c'est seulement à partir de lui qu'il est possible d'accéder à l'origine qui s'est perdue. Pourtant, cette origine qui peut être atteinte n'est pas donnée a priori, elle est construite. Alors, si le fantasme emprisonne d'un côté, de l'autre, c'est grâce à lui que l'on peut avoir accès à la vérité de chacun. Freud a construit sa métapsychologie à partir d'idées abstraites, en accentuant le besoin d'une certaine obscurité dans sa théorie pour que de nouvelles avancées puissent advenir, en invitant tous ceux qui se soumettent à la psychanalyse à également créer à partir du manque, tout comme le poète qui s'évertue à en dire un peu plus sur l'indicible qui est en lui.

Mots clefs: Fantasme. Freud. Répression originel. Théorie de la séduction. Constructions d'analyse.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	O ABANDONO DA TEORIA DA SEDUÇÃO E A DESCOBERTA DA SEXUALIDADE INFANTIL.....	16
2.1	O AVESSE DA TEORIA DA SEDUÇÃO.	16
2.2	AS FANTASIAS ATRAVESSADAS PELA SEXUALIDADE INFANTIL.	27
3	DE UM FURO QUE MARCA A ORIGEM: UM ESTUDO SOBRE A REPRESSÃO	34
3.1	O QUE SE ESQUECE NA REPRESSÃO? A FANTASIA COMO SATISFAÇÃO DA LIBIDO.	34
3.2	O HOMEM DOS LOBOS, A REPRESSÃO PRIMORDIAL E ALGO DA ORIGEM NO CERNE DA QUESTÃO.....	44
4	AS FANTASIAS NA CONSTRUÇÃO E AS CONSTRUÇÕES DA FANTASIA	57
4.1	A FANTASIA DE BATEM NUMA CRIANÇA E SUA RELAÇÃO COM AS CONSTRUÇÕES EM ANÁLISE.	57
4.2	O QUE SE CONTA DE UM CONTO? FREUD ENTRE O TEÓRICO E O POETA.	67
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.	79
	REFERÊNCIAS.....	82

1 INTRODUÇÃO

A psicanálise traz em sua origem uma marca indelével e que permite ao seu criador, Sigmund Freud, afirmar que sua teoria é responsável por estabelecer a terceira ferida narcísica da humanidade. Tal afirmação, longe de ser pretensiosa, já demonstra a ruptura causada pela teoria freudiana, que foi capaz de produzir um saber diferente de tudo o que se havia produzido até então.

Se desde Descartes, o homem ocupava um lugar privilegiado, um lugar do conhecimento e da verdade, com a psicanálise essas certezas são abaladas e a referência adotada por Freud passa a ser a de um homem cindido entre aquilo que ele faz e aquilo que ele é (GARCIA-ROZA, 2009).

Na busca por ouvir aquilo que os demais não apercebiam importância, o psicanalista austríaco escreveu seu nome na história dentre aqueles que se propuseram a refletir sobre a condição humana, ao anunciar sua teoria do inconsciente, produzindo o descentramento da razão e da consciência.

Há, nos lapsos, atos falhos, chistes, sintomas e sonhos algo que denuncia a insuficiência da palavra quando utilizada para anunciar assuntos que concernem somente à vida humana. Ali, onde a palavra claudica o saber inconsciente se dá a vista, mas não antes sem se horrorizar frente ao enigma que se apresenta no desencontro entre o que o homem sabe de si e tudo mais que ele não sabe sobre o que lhe causa.

Nesse abismo experienciado pelo homem ao ser ultrapassado por algo que lhe pertence, mas que não reconhece como seu, surge o que lhe há de mais próprio. A psicanálise se ocupa daqueles que trazem consigo a marca de uma alteridade, de um outro inconsciente que os constitui como castrados, divididos. Esse corte presentifica a marca do outro no homem e, que mesmo vindo de fora, é seu. Não seria de se surpreender que, sobre sua cisão, o homem nada queira saber a ponto de submeter-se aos maiores sacrifícios para não ter que se haver com a inconsistência que o constitui.

A falta que a psicanálise denuncia está nos homens, está na palavra, nas definições e em tudo mais que se percebe importância, mas como é possível falar daquilo que não existe, mas que, entretanto, vale e, muitas vezes, vale mais do que aquilo que é visível aos próprios olhos?

Nesses casos, recorre-se constantemente à beleza da poesia e de sua arte, que com tamanha singeleza possibilita ao homem comum expressar um pouco mais sobre aquilo que lhe escapa. O poema *Ausência* de Carlos Drummond de Andrade é um bom exemplo de criação:

Por muito tempo achei que a ausência é falta.
E lastimava, ignorante, a falta.
Hoje não a lastimo.
Não há falta na ausência.
A ausência é um estar em mim.
E sinto-a, branca, tão pegada, aconchegada nos meus braços,
que rio e danço e invento exclamações alegres,
porque a ausência, essa ausência assimilada,
ninguém a rouba mais de mim.
(DRUMMOND, 1984).

O belo poema é capaz de comover não porque esgota um conteúdo, mas, ao contrário, porque cria a partir da falta. Não seria, então, esse o gesto freudiano?

Freud cria sua metapsicologia não sem considerar suas limitações, mas, sobretudo, acentuando o furo em torno do qual seu desejo pela psicanálise se alimentava. Tal atitude não pode ser interpretada como simplesmente um elogio à ignorância ou a esperteza de se declarar falho para que as falhas não sejam interpretadas como erros. O gesto freudiano é muito maior, trata-se de enunciar que o saber não é suficiente, há algo que lhe escapa e mesmo estando próximo nunca é familiar. Há, portanto, um não saber que impera e, a fim de manter silenciado as contradições inerentes ao ser, o homem moderno oferece até mesmo o que tem de maior valor para não se deparar com o desamparo que lhe é inerente.

Porém, tal esforço se mostra incapaz de deixar o homem a salvo de sua incompletude e fragilidade, uma vez que cada um só se constitui ao perder algo si. Algo que está além do que se pode anunciar e que mesmo assim é capaz de trazer algum fundamento, mas não a partir de um conteúdo específico, dotado de consistência, ao contrário, a partir de tudo aquilo que não há.

Tal como na miragem das águas de um rio quando avistadas pelos lábios sedentos de quem se encontra em pleno deserto e que a cada passo dado, rumo à saciação de seu desejo, percebe-se cada vez mais distante, demasiado distante, infundavelmente distante. Talvez, um dia, desista ao se dar conta de que aquelas águas estão longe demais, talvez morra tentando alcançá-las, mas talvez encontre outra coisa no meio do caminho.

Ao homem é necessário um grande poder de criação para lidar com os furos de sua própria história, que palavra nenhuma consegue completar. Eis que em meio a tantas lacunas, surge algo demasiadamente humano: a fantasia.

Em sua clínica, Freud percebeu que nem sempre as histórias narradas eram reais, mas, nem por isso, deixavam de ser importantes. O que se contava em análise, muitas vezes, servia para apaziguar o seu locutor, dando sentido aos fatos narrados. Era como se o paciente construísse um mundo particular para não se ater aos seus impasses.

Porém, como a falta insiste com sua presença angustiante e vazia, o mundo que cada um constrói está sempre à beira de um colapso, fazendo com que homens e mulheres se fechem cada vez mais em suas construções, sacrificando seu corpo, silenciando suas palavras e enrijecendo suas emoções, tudo isso para não saber sobre aquilo que lhes causam.

Freud, em sua prática, deparou-se com o predomínio da realidade psíquica sobre as mais variadas esferas da vida humana, possibilitando aos seus pacientes construir as suas próprias verdades. Assim, a verdade fala naquilo que é menos verdadeiro, e se a verdade tem forma de ficção ela denuncia um absurdo, algo a respeito do qual ninguém sabe, mas está presente, como que estrutural para o ser. É exatamente onde não se sabe que a crença em uma verdade surge para dar conta de uma realidade que escapa, marcando com isso, um abismo intransponível entre o que cada um sabe de si e aquilo que os determinam.

Assim, surge na obra freudiana o conceito de fantasia, a partir do abandono da Teoria da Sedução. Nesta obra, o médico vienense afirmou categoricamente que o sintoma histérico se baseia na fantasia (FREUD, 1921/2011). Mas se a fantasia é capaz de conduzir o neurótico aos sintomas do qual se queixa, o que ela tem de estrutural?

É notório frisar que, de acordo com Freud, as fantasias são expressão de realizações dos mais antigos desejos humanos:

Desse modo, chamamos uma crença de ilusão quando em sua motivação prevalece a realização de desejo, e nisso não consideramos seus laços com a realidade, assim como a própria ilusão dispensa comprovação. (FREUD, 1927/1974, p. 268).

Sendo assim, os desejos constituem as forças motivadoras das fantasias, porque o ser humano não vê as coisas como de fato elas são, mas de acordo com o que deseja. E por isso, cada qual criará para si uma lente, única fonte que possibilitará seu acesso ao mundo. Em outras palavras, a fantasia é aquilo que cada um cria para recobrir sua realidade, tornando-se fundamental ao permitir que se elabore uma resposta ao enigma, ao não saber frente a falta que constitui (JORGE, 2010).

Na fantasia, a questão posta sempre se refere a origem do próprio indivíduo (LAPLANCHE & PONTALIS, 1990), estando na base do sintoma neurótico, pois o neurótico é aquele que sofre pela história que ele mesmo ajuda a criar e dela não se desgruda, pelo menos não facilmente, seja por apego ou por medo de sem ela nada mais restar.

De fato, as fantasias exercem um papel dual: se por um lado fixam o neurótico nas amarras que ele mesmo inventa, também permite que ele se torne agente de seu próprio caminhar, pois, por mais que ele se desgrude de uma cena fantasmática, logo criará outra e outras tantas, só que, talvez, sem se sacrificar tanto, aprendendo com isso a se (re)inventar.

A psicanálise aparece exatamente como um lugar de escuta desta verdade, que cada um inventa para narrar sua própria história a fim, de com ela, dar um certo sentido aos furos que atravessam a existência. Mas, por que é por meio da fantasia que cada qual cria um fundamento ao corte que lhe divide? Por que ela se fixa em um objeto no qual o neurótico tentará retornar, como se um dia o tivesse possuído? Por que as fantasias se repetem no discurso de diferentes indivíduos? O que há de estrutural na fantasia? E que construções são possíveis sem que a fantasia faça apelo aos sintomas neuróticos?

Eis as questões que nortearam a leitura da obra freudiana na elaboração do presente trabalho, que tem por objetivo discorrer sobre o conceito de fantasia em Freud desde o abandono da teoria da sedução até as construções em análise.

A relevância desse tema se dá pelo fato da fantasia ser um conceito fundamental de carácter estrutural para o sujeito neurótico, sendo considerada um meio pelo qual os indivíduos acessam a realidade, uma vez que entre o sujeito e o mundo, há um abismo constituído pela linguagem que impede o acesso direto a ele.

Ademais, pode-se dizer que entre os conceitos que marcam um despertar freudiano, a fantasia figura entre os mais importantes, ocupando um lugar de

referência entre a descoberta do inconsciente e a elaboração do conceito de pulsão de morte, responsável por uma verdadeira reviravolta na teoria psicanalítica.

Diante disso, o presente trabalho, a fim de responder as questões postas, foi dividido em três partes. No primeiro capítulo, será discutido o início da teorização freudiana e as dificuldades que o fizeram abandonar seus primeiros mestres e seguir um caminho apontado pelos discursos de suas pacientes histéricas. Na sequência, será apresentada uma breve definição das diferentes formas da fantasia: consciente, inconsciente e a fantasia originária em relação à sexualidade infantil.

O objeto de investigação do segundo capítulo é a repressão, em que serão apresentados a relação da fantasia com o objeto da libido, que se prestam a tamponar a divisão que constitui o psiquismo do homem. Em seguida, será feito um estudo da repressão primordial a partir do caso clínico do Homem dos lobos e o papel da fantasia na cena primária que, assim como o mito, é empregada para dar conta de uma origem enigmática.

No terceiro capítulo será discutida a função das construções em análise a partir do texto *Batem numa criança* e sua relação com o masoquismo e a criação poética que, se por um lado acentua a culpa e o sacrifício, por outro, indica a possibilidade de um laço com o outro que não passe pelo sintoma neurótico a medida que se possa construir algo que lhe é próprio.

Assim, o presente trabalho foi estruturado, não com o propósito de somente responder perguntas, mas para que a construção proposta possibilite a elaboração de novas questões e que indique, ao seu final, o começo de um novo percurso.

2 O ABANDONO DA TEORIA DA SEDUÇÃO E A DESCOBERTA DA SEXUALIDADE INFANTIL

“[...] e eu aqui querendo que a palavra que fala
não seja só
o próprio deserto”
(COLLIN, sd)

2.1 O AVESSE DA TEORIA DA SEDUÇÃO

Sigmund Freud, no início de sua prática como neurologista, deparou-se com pacientes doentes dos nervos cujos sintomas não eram passíveis dos tratamentos convencionais de sua época. Interessado pelo que era considerado a *bête noir* da medicina, Freud (1888-1892/1996) sofreu forte influência do médico Josef Breuer, que o impulsionou aos estudos da histeria. Juntos, publicaram a famosa obra *Estudos sobre histeria*, compilando diversos casos clínicos, com o objetivo de expor elucubrações preliminares acerca das neuroses.

A partir do método catártico, Freud (1914a/2012) atribui à Breuer um importante papel de prenunciador da psicanálise ao conduzir o famoso e emblemático caso de Bertha Pappenheim, mais conhecida como Anna O. Em um primeiro momento, diante dos graves sintomas apresentados pela paciente, um desfecho fatal pareceria inevitável, não fosse as contradições do quadro patológico. Por um lado, apesar dos graves sintomas, não havia uma motivação orgânica para a doença, por outro, no histórico da paciente, havia registros de fortes comoções afetivas que poderiam se relacionar com os sintomas apresentados (FREUD, 1910a/2013).

O diagnóstico de histeria era inquestionável, mas, nem por isso, o caso tornava-se mais claro, uma vez que, à histeria conferia-se um lugar de pouco valor, como se se tratasse somente de uma farsa por parte do paciente. Freud (1910a/2013), afirmava que o médico possui poucos recursos para lidar com os pacientes histéricos, que são considerados infringentes da ciência médica. Breuer, porém, não fugiu frente às dificuldades do caso e pôs-se a escutar sua jovem paciente.

Criador do método catártico, Breuer empregou a hipnose no tratamento de Anna O. que, assim, pôde relatar seus devaneios e as situações que vivera junto ao leito de seu pai enfermo. Sentia-se relaxada e usufruia de um longo período de bem-

estar após consulta com o médico, cunhando, assim, o tratamento do Dr. Breuer como *talking cure*, isto é, cura pela fala (FREUD, 1910a/2013).

A escuta aliada à técnica hipnótica conduziu o tratamento de Anna O. e permitiram a J. Breuer concluir que a formação dos sintomas de sua paciente se deu a partir de vivências carregadas de afeto que, por não terem sido descarregadas, deram origem ao trauma psíquico e às manifestações sintomáticas (FREUD, 1910a/2013).

Freud esteve encantado com as promessas trazidas pela hipnose e com a possibilidade de cura dos sintomas histéricos e, com Breuer, pôde aproximar-se de uma concepção puramente psicológica da histeria, aprendendo com ele a relação dos sintomas com o trauma psíquico, mas as limitações na teoria de seu mentor fizeram Freud buscar outras perspectivas sobre a histeria (FREUD, 1910a/2013).

Fascinado pelos estudos do francês Jean-Martin Charcot, precursor dos estudos da histeria, não como um mal prioritariamente relacionado ao aparelho sexual feminino, tal como o nome sugestiona, mas sim como uma doença nervosa, passível de tratamento médico, Freud o elegeu como seu mestre (ROUDINESCO, 2016). Em toda Europa, o médico vienense encontrou no hospital de Salpêtrière a possibilidade de assistir o que havia de mais avançado sobre o estudo da histeria entre os anos de 1885-86 (FREUD, 1888-1892/1996 e 1910a/2013).

O encontro com Charcot foi decisivo para Freud conferir à histeria uma outra perspectiva, possibilitando seu avanço nos estudos sobre a vida psíquica e a realidade da sexualidade humana. O jovem médico vienense atribuía a Charcot a importância de haver aberto os horizontes na conquista deste novo continente a ser desbravado pelas promessas do século vindouro, destinando à sexualidade tamanha relevância no cenário das doenças nervosas, tal como poderia prever um grande visionário (ROUDINESCO, 2016).

Às avessas com o discurso de sua época, que conferiam à histeria um lugar de simulação e farsa, Freud, sob influência de Charcot, acreditava que os sintomas apresentados por todas aquelas mulheres estavam relacionados a um trauma sexual ligado à tenra infância. Nesta época, Freud ocupava-se de suas primeiras elaborações, cunhando de *Esboços*, grandes artigos que vieram romper com uma prática que até então excluía todo saber inconsciente e que, mesmo representando o frescor das primeiras descobertas, ousavam pela ambição de seu criador em consolidar a técnica analítica.

Desse modo, a sexualidade passou a desempenhar um papel central na etiologia da histeria e de todas as neuroses, principalmente devido a supervalorização desta função no psiquismo (FREUD, 1888-1892/1996). Diante disso, Freud foi taxativo ao afirmar que a histeria seria produto de um trauma de origem sexual, vivido em tenra infância, construindo, com isso, as bases da teoria da sedução, que, na época, explicava a origem do sintoma histérico.

Em um primeiro momento, não haveria a instauração do trauma devido ao pouco ou nenhum entendimento que a criança, ainda em desenvolvimento, possui do ato abusivo, cometido por um adulto, que detém sob ela poder e influência. Notório faria-se observar que, diferentemente de uma situação de constrangimento, o estímulo recebido pelo adulto geraria, na realidade, uma sensação prazerosa à criança, por não ser madura o suficiente para compreender a excitação sexual como um abuso. É somente, a posteriori, que a criança, já passada época de maior maturação sexual, rememore o fato e passaria a experienciar desprazer ao lembrar-se da cena primária em que foi objeto de satisfação de um adulto (FREUD, 1888-1892/1996).

Nos estudos sobre a histeria (1888), Freud afirmou, a respeito de um famoso caso clínico da, na época, jovem de 18 anos Anna von Lieben, popularmente conhecida como Katharina:

[...] o caso Katharina é típico; constata-se, na análise de qualquer histeria fundada em traumas sexuais, que impressões do tempo pré-sexual, que permaneceram sem efeito sobre a criança, depois adquirem força traumática como lembranças, quando a compreensão da vida sexual se abre para a moça virgem ou a mulher. (FREUD, 1888-1892/1996, p. 127).

Sabe-se, porém, que o despertar da lembrança sexual vivida em tenra infância produz um excesso, mas que, no entanto, não é suficiente para causar a neurose. Ocorre que, o psiquismo, na tentativa de proteger-se frente ao horror gerado pelo ato vivido, cria um mecanismo de defesa, chamado repressão, impedindo o acesso direto da cena traumática à consciência. Assim, o sintoma histérico coloca-se a serviço da lembrança reprimida, atualizando no corpo o fato rechaçado pela consciência.

O motivo da repressão seria a incompatibilidade entre forças psíquicas distintas, que são capazes de gerar intenso desprazer. Para livrar-se do constrangimento o psiquismo utiliza-se da repressão, que oferece barreira ao

conteúdo reprimido, tornando-se um importante dispositivo de proteção da personalidade psíquica (FREUD, 1910a/2013).

Em *Esboço para a “comunicação preliminar”* (1893), Freud afirmou que o elemento essencial do ataque histérico é o retorno de uma lembrança passada. Freud acreditava, ainda nesta época, que o sistema nervoso procurava manter uma homeostase, eliminando qualquer excesso de excitação do aparelho psíquico. No ataque histérico essa descarga ou liberação não acontecia, propiciando a formação de um trauma psíquico, que nada mais é do que a dificuldade do sistema nervoso abolir uma certa impressão por meio do pensamento associativo ou da reação motora (FREUD, 1893/2016, p. 196).

No *Rascunho K*, Freud (1896) formulou pela primeira vez a fórmula-padrão da etiologia da neurose. Ele afirmou que a doença nervosa é desencadeada por uma experiência sexual que é traumática e prematura de caráter passivo, na histeria, e ativo, na neurose obsessiva. Em seguida, para o desenvolvimento da doença, seria necessário a repressão que, embora, exerça uma função de impedir acesso da lembrança à consciência, é o que possibilita a formação do sintoma primário, podendo haver, no caso de ausência do sintoma primário, um estágio de defesa bem-sucedida. Por fim, haveria o retorno das ideias reprimidas, formando novos sintomas. Neste último estágio, que é o retorno do reprimido, ocorreria uma autocensura, emergindo um sentimento de culpa sem um conteúdo aparente, que em geral, liga-se a uma lembrança distorcida no tempo e no conteúdo.

Em vista disto, a histérica seria aquela que reatualiza o afeto experienciado na cena traumática apesar de não ter acesso às lembranças do trauma. Não sabe porque sofre, mas sofre do afeto gerado pelo fato que a faz sofrer. Tal fato, inacessível à consciência, deveria, segundo Freud, tornar-se consciente, por meio da hipnose, para haver a supressão dos sintomas (FREUD, 1893/2016).

Portanto, a recordação da lembrança traumática, por meio da hipnose, seria o suficiente para o paciente histérico livrar-se dos sintomas que o haviam levado a buscar um tratamento analítico. A técnica hipnótica, embora considerada não científica, atraía Freud desde sua época de estudante, mas foi somente aos 30 anos, recém chegado à Paris, que Freud pôde experienciar uma clínica em que a hipnose não só era utilizada com certa recorrência, como também reconhecida. Assim, para Freud, por meio da hipnose, seria possível acessar as lembranças traumáticas que originaram os sintomas histéricos (FREUD, 1888-1892/1996).

No entanto, a eficácia desse mecanismo não fugiu ao malogro e, logo, Freud deparou-se com a persistência dos sintomas histéricos e, conseqüentemente, com as lacunas de sua teorização acerca das neuroses. Decidiu, então, abandonar a hipnose por se tratar de um recurso caprichoso e um tanto místico, implantando a livre associação no tratamento da neurose, ao demandar do paciente que falasse, mesmo sem saber, algo a mais se si (FREUD, 1910a/2013).

Dessa forma, Freud dissociava sua teoria da psicologia, ao não reduzir aquilo que é da esfera psíquica ao que concerne à consciência. Segundo Freud (1900), o inconsciente é a “base geral da vida psíquica” (p. 637), sendo muito mais abrangente do que a consciência e mesmo, sob pressão da resistência, não cessa de se manifestar, portando consigo um saber sobre a verdade que atine o ser (FREUD, 1900/1996).

Contudo, essa não foi a única ruptura que o avanço da teoria das neuroses exigia, novos passos foram necessários a partir das incongruências denunciadas pela fala dos neuróticos que Freud se ocupava. Dessa forma, o rompimento com aqueles que haviam lhe servido de exemplo fazia-se inevitável para que Freud alcançasse o posto que ele mesmo havia pleiteado frente a comunidade científica de sua época. Com persistência e coragem, o jovem médico vienense colocou-se entre os grandes e como o pai da psicanálise escreveu seu nome na história.

Em 1897, Freud anunciava, na carta de número 59, uma grande descoberta que ele havia ignorado, até então, a respeito da histeria: as fantasias históricas. Assim, extasiado pela possibilidade de haver se deparado com um grande achado, Freud (1897b/1996), acreditava que as fantasias históricas derivariam de certas coisas que foram ouvidas pelo pessoa, mas só compreendidas depois. Deste modo, nasceriam as fantasias a fim de proteger e embelezar os fatos, muito provavelmente ligados ao período de intensa atividade masturbatória da criança. De acordo com Freud, (1897b/1996), já não seriam mais as lembranças afetadas pela repressão na histeria, mas sim, os impulsos provenientes de cenas primevas.

A dúvida a respeito da teoria da sedução fazia Freud, cada vez mais, avançar rumo a uma teorização das fantasias. No *Rascunho M*, Freud (1897c/1996) dedicou um tópico inteiro às fantasias, afirmando que elas surgem de uma combinação inconsciente, tal como os sonhos, com o objetivo de manter inacessível a lembrança que possivelmente originou o sintoma:

Um fragmento da cena visual junta-se, depois, a um fragmento da experiência auditiva e é transformado numa fantasia, enquanto o fragmento restante é ligado a alguma outra coisa. Desse modo, torna-se impossível determinar a conexão original. Em consequência da construção de fantasias como esta (em período de excitação), os sintomas mnêmicos cessam. Em vez destes, acham-se presentes ficções inconscientes não sujeitas à defesa. Quando a intensidade dessa fantasia aumenta até um ponto em que forçosamente irromperia na consciência, ela é recalcada e cria-se um sintoma mediante uma força que impele para trás, indo desde a fantasia até as lembranças que a construíram. (FREUD, 1897c/1996, p. 302 - grifos da autora).

Contudo, a denúncia das pacientes histéricas não perdeu importância e Freud não deixou de ouvi-las. Era necessário agora um passo adiante para compreender a etiologia das neuroses, pois, mesmo se constatando a veracidade do abuso relatado, a eclosão do sintoma não mais poderia ser explicada por esse trauma sexual (ROUDINESCO, 2017). Freud era tomado por angústia, sabia da importância do que havia descoberto e da necessidade de expor suas dúvidas, mas também sabia que, para a pretensão de se construir uma grande teoria, momentos de incertezas eram essenciais. À carta a Fliess, datada de 1897, Freud desabafou sobre as dificuldades que estava passando com sua teorização acerca das neuroses:

[...] estou atormentado por graves dúvidas sobre minha teoria das neuroses. Minha mente anda muito preguiçosa; aqui neste lugar não consegui acalmar a agitação que há em minha cabeça e meus sentimentos [...] (FREUD, Carta, 1897d/1996, p. 309)

Nesta carta, seria a primeira vez que Freud teria exposto suas dúvidas sobre a etiologia traumática das neuroses, que ele havia sustentado por pelos menos 5 anos. Mesmo após evidenciar as falhas de sua teoria, Freud ainda foi resistente ao abandonar completamente a teoria traumática. Sua incerteza só teve fim com a descoberta da natureza dinâmica das pulsões sexuais infantis e com a compreensão de que as fantasias podem atuar sobre as experiências reais (FREUD, 1897e/1996). Angustiado pela impossibilidade de haver na realidade comprovação para o que ouvia de seus pacientes, Freud pode deparar-se com a *proton pseudos*, isto é, com a primeira mentira histórica.

A primeira mentira histórica é descrita no *Projeto para uma psicologia científica* (1895/1996), onde Freud utilizou-se de um caso clínico para ilustrar sua recente descoberta: Emma, aos 12 anos, não pôde mais adentrar em lojas, após sair correndo de um recinto onde dois vendedores riam de suas roupas, pelo menos era disso que ela pensava emanar seu constrangimento. Após certa investigação, Emma

recordou-se de outra cena, ainda mais precoce. Aos 8 anos, achava-se em uma confeitaria, quando o proprietário tocou suas partes genitais por cima de suas roupas e, ao voltar lá pela segunda vez, foi apossada de um intenso sentimento de culpa.

Haveria, assim, em Emma a dificuldade de entrar em lojas a partir da combinação desses dois episódios, uma vez que o riso dos moços da primeira cena a fez lembrar-se do riso do confeitoiro que a molestou. Essa lembrança a fez temer que o atentado pudesse novamente se repetir. Porém, na consciência havia uma inversão dos valores e o que se destacava era o elemento “roupas”. Assim, duas conexões falsas operaram e ela assustou-se com o fato dos vendedores rirem dela por conta de suas vestimentas e por sentir-se atraída sexualmente por um dos rapazes (FREUD, 1895/1996).

Segundo Freud, um acontecimento pode sofrer distorções deste tipo, pois o atentado desencadeou um processo patológico a partir da liberação sexual, que só pôde ser vinculado, anos mais tarde, despertando um afeto que não foi vivenciado no primeiro instante, devido ao pouco ou nenhum entendimento que se tinha do fato, e só pôde ser lembrado em outra cena, em que o real conteúdo - liberação sexual - permaneceu reprimido. Diante destes fatos, Freud constatou categoricamente, pondo em xeque sua teoria da sedução, que somente “[...] se recalcam lembranças que só se tornaram traumáticas por *ação retardada*” (FREUD, 1895/1996, p. 410).

“Não acredito mais em minha *neurotica*” (FREUD, 1897f/1996, p. 309). Essa emblemática frase foi proferida por Freud na carta à Fliess de número 70, onde expunha os motivos para desacreditar na sua teoria das neuroses. Em primeiro lugar, havia a dificuldade em obter pleno êxito no tratamento de seus pacientes. Em segundo, Freud constatou que todos os pais abusadores só poderiam ser classificados como perversos e, assim, a perversão seria mais frequente do que a própria histeria, o que não seria usual. Em terceiro lugar, o médico vienense concluiu que no inconsciente não há distinção entre verdade e ficção. E por fim, Freud esclarece ser impossível tornar plenamente consciente o material inconsciente, como ele mesmo defendia anteriormente:

[...] temos de estar sempre preparados para abandonar nosso arcabouço conceptual se nos sentirmos em condição de substituí-lo por algo que se aproxime mais de perto da realidade desconhecida (FREUD, 1900/1996, p. 635).

Assim, em 1897, a fantasia apareceu como conceito para a psicanálise, surgindo concomitantemente à noção de realidade psíquica, a fim de designar a vida imaginária dos homens e a forma como eles se relacionam com o mundo. (ROUDINESCO & PLON, 1998), possuindo um caráter apaziguador, permitindo ao homem dar sentido ao mundo ao mesmo tempo em que é possuído por um sentimento de pertencimento a algo (BATAILLE, 1988).

Diante disso, Freud dispôs-se a abandonar a completa resolução da neurose e o conhecimento da etiologia na infância. Ao fim da carta 69, Freud reconheceu seus esforços, esperando obter novas respostas às questões que ainda permaneciam em aberto:

[...] devo reconhecê-las como o resultado de um trabalho intelectual honesto e esforçado e devo ter orgulho, depois de ter ido tão fundo, de ainda ser capaz de tal crítica. Será que essa dúvida simplesmente representa um episódio prenunciador de um novo conhecimento? (FREUD, 1897e/1996, p. 311).

Passados dois anos, desde o abandono da teoria da sedução, Freud (1899a/1996) afirmou que as fantasias são produtos de um período posterior, que foi projetado para o passado. E a grande questão sobre o que afinal haveria acontecido de traumático no passado ganha uma resposta: nada. É assim que Freud anuncia a desconfiança de que no cerne da fantasia não há uma cena traumática real, como ele acreditava haver no sintoma histérico. E, frente as suas descobertas, comemora o avanço de sua teoria:

Ontem, fiquei cansado, e hoje, não consigo continuar escrevendo de acordo com o que pretendia, porque a coisa está crescendo. Há qualquer coisa aí. Está começando a despontar. Nos próximos dias, por certo haverá algum acréscimo (Freud, 1899a/1996, p. 327).

Para Freud (1897, rascunho N), parte das lembranças tornam-se fantasias, pois a repressão faz com que uma certa ideia que desperte desprazer (*B*) não acesse a consciência, pelo menos não tão facilmente. Obviamente, certa ideia desprazerosa (*B*) jamais será esquecida e diante de alguma percepção nova poderá ser reavivada, mas não antes de ser transformada de (*B*) para (*A*) (FREUD, 1895/1996).

Na conferência *A fixação do trauma, o inconsciente* (1917d/2014), o pai da psicanálise afirmou que o sintoma não pode ser explicado simplesmente pela impossibilidade do doente elaborar uma vivência carregada de afeto, a qual fixou-se,

pois o trauma relatado pelos pacientes histéricos eram inventados. Logo, Freud notou que a realidade prática necessitaria ser considerada a partir da realidade psíquica (FREUD, 1914a/2014).

Freud (1899b/1996) declarou que a fantasia é formada por resíduos de lembrança, e sua característica parece a um primeiro momento irrelevante. Não significam que sejam falsas, mas podem transpor um fato para um outro lugar, ou fundir duas pessoas, assim como o deslocamento e condensação nos sonhos que Freud abordará em *A interpretação dos Sonhos*.

Assim, Freud passou a dedicar-se às manifestações sutis que o aproximavam do saber inconsciente e a tudo aquilo que ele se prestava a anunciar. Os sonhos, os atos falhos, os chistes e os sintomas não são desprovidos de sentido, podendo ser facilmente interpretados, pois estão a serviço de expressar impulsos ou intenções rechaçadas da consciência, cujo desvelamento pode contribuir ao que se mantém oculto na psique. Frente às barreiras da repressão, não haveria outros caminhos, que não os tortos, para que uma ideia reprimida chegasse mais próxima à consciência.

A associação livre passou a ser a única exigência feita do psicanalista austríaco aos seus pacientes, na busca da vacilação da palavra. Ali, onde a palavra claudica, Freud prestava-se à interpretar o conteúdo inconsciente. Em 1899, Freud escreve *Lembranças Encobridoras* e atesta que as fantasias são ecos de lembranças infantis esquecidas e/ou reprimidas, convertidas em lembrança real, que também mantém uma relação com a verdade. Uma fantasia é uma atividade sexual espontânea mascarada por uma cena de passividade, que além de encobrir um desejo inconsciente, serve também como objeto de repressão e deslocamento de impressões desagradáveis. (JORGE, 2010; LAPLANCHE & PONTALIS, 1990).

Na cena examinada, Freud analisa a cena da infância de um paciente que, na época, contava com três anos de idade. A ação do menino consistia em colher flores amarelas ao brincar no topo de uma campina com seus dois primos. Ao ver sua prima colher mais flores que ele, formando um lindo faro de dentes-de-leão, resolve destruí-las. Ela saiu correndo pelos campos aos prantos e, como consolo, recebeu um pedaço de pão preto de uma camponesa. Os dois meninos, ao verem a cena, saíram correndo em direção a camponesa e também receberam o pão, cujo sabor era indescritivelmente delicioso (FREUD, 1899b/1996).

Em análise essa lembrança que parecia inofensiva ganhou outros ares. Quando questionado se essa lembrança lhe remetia a uma outra circunstância, o

paciente contou que, aos dezessete anos, voltou a sua cidade natal para passar as férias na presença de uma família que ele conhecia desde a infância. Em sua estadia apaixonou-se pela filha do casal que na época contava com a idade de 15 anos. No entanto, essa paixão não durou mais do que o período de férias, pois a jovem logo voltou à sua escola, deixando saudades em seu admirador (FREUD, 1899b/1996).

Ele, em seu lamento, passou a imaginar como sua vida teria sido diferente se tivesse crescido no campo e o quanto esse fato o tornaria mais íntimo da família e da bela jovem pela qual se apaixonara, tendo maiores possibilidades de casar-se com ela. Ao narrar esta história, o analisante revelou que se sentira completamente atraído pelo vestido amarelo que a jovem portava na primeira vez que a viu (FREUD, 1899b/1996).

Narra que três anos após encontrou seus dois primos que participavam com ele da cena infantil e soube que seu pai juntamente com seu tio havia arquitetado um plano para ele. Nos planos do pai, ele, ao terminar os estudos, passaria a ocupar o lugar do tio nos negócios e, por fim, desposaria a prima, mas abortaram os planos ao vê-lo imerso em seus próprios projetos (FREUD, 1899b/1996).

A cena infantil surgiu no momento em que o analisante estava no começo de sua carreira, passando por sérias dificuldades. Ali, Freud associa a ideia do pão delicioso narrado pelo paciente como uma fantasia de haver tido uma vida mais confortável caso tivesse se casado com a jovem pelo qual se apaixonara. Assim como o amarelo das flores o remetia ao vestido da jovem. Por outro lado, há as flores amassadas e jogadas fora em troca do pedaço de pão, associada ao fracasso do plano do pai ao almejar casá-lo com sua prima. Nesta recordação, o paciente projetou duas fantasias uma na outra (FREUD, 1899b/1996).

Ao invés de fixar-se no pensamento de que sua vida teria sido mais fácil ao casar-se com a prima, fixou-se na cena infantil, capaz de lhe proporcionar uma satisfação equivalente, e que por sua inocência poderia tornar-se consciente. Ao produzir uma fantasia, o paciente estava realizando seus desejos inconscientes de defloração e conforto material. É esse caráter erótico que é disfarçado e se aprisiona na lembrança (FREUD, 1899b/1996).

Ficou evidente que, para Freud, quando alguém relata algo que haveria acontecido em uma época longínqua, na realidade, reportar-se a um conteúdo do presente ou a uma época intermediária e a transfere ao passado, resultando em uma

declaração não toda verdadeira. Lê o passado com as lentes do presente, o que Freud denominou de “Fantasiar retrospectivo” (FREUD, 1917b/2014, p.170).

Desse modo, a escuta dos pacientes conduziu Freud a investigar a história pregressa de seus pacientes, primeiro, os anos iniciais da puberdade e, depois, os anos mais remotos da infância, a fim de compreender a origem dos sintomas neuróticos. Em *Contribuição à história do movimento psicanalítico* (1914a/2012), Freud reafirma:

[...] a análise não pode esclarecer nada atual senão referindo-se a algo do passado, *que toda vivência patogênica pressupõe uma bem anterior que, embora ela mesma não patogênica, empresta ao acontecimento posterior sua qualidade patogênica.* (FREUD, 1914a/2012, p. 250 - grifos da autora).

Freud em *Meus pontos de vista sobre o papel da sexualidade na etiologia das neuroses* (1906/2016), afirmou que as fantasias são encontradas entre os sintomas e as impressões infantis. Tais fantasias seriam produzidas na puberdade com o objetivo de encobrir a recordação da própria atividade sexual - a masturbação. Assim, os traumas sexuais infantis dão lugar ao “infantilismo da sexualidade” (FREUD, 1906/2016, p. 354).

Esta trama, mostra-se essencial à criança em formação, pois, ao defender-se das pulsões sexuais, que a habitam, com a repressão, ela passa a ter sua psique cindida, entre a consciência e um saber inconsciente, cuja origem remonta os desejos infantis reprimidos e já estariam presentes na relação da criança com seus pais:

[...] a relação da criança com os pais não se acha livre de elementos de excitação sexual. *Ela toma o pai e a mãe, especialmente um deles, como objeto de seus desejos eróticos.* Nisso responde, habitualmente, a um estímulo dos próprios pais, cuja afeição tem nítidas características de uma atividade sexual, ainda que inibida em suas metas. O pai prefere normalmente a filha; a mãe, o filho. A criança reage a isso desejando estar no lugar do pai, se é um menino, ou no lugar da mãe, se é uma menina. [...] *O complexo assim formado é logo reprimido, mas continua a ter um efeito grande e persistente a partir do inconsciente* (Freud, 1910a/2013, p. 207 - grifos da autora).

2.2 AS FANTASIAS ATRAVESSADAS PELA SEXUALIDADE INFANTIL

Quando a teoria de sedução foi abandonada por Freud, a ênfase sobre a realidade psíquica apontou o caminho para a importância da fantasia. Freud utilizou do termo alemão *Phantasie*, mas não o reduzindo a imaginação como o seu sentido sugere, mas aproximando-o ao mundo imaginário em que se expressam o neurótico e o poeta (LAPLANCHE & PONTALIS, 1990).

No entanto, esse termo pode sugerir muitas coisas. Em primeiro lugar, Freud o utilizou para falar de sonhos diurnos, romances e ficções forjadas pelas pessoas em estado de vigília (LAPLANCHE, 2001). No emblemático caso de Anna O. Freud cita que uma das suas principais características da paciente era sua capacidade de viver como se fosse protagonista do próprio teatro particular. Porém, os devaneios que tornavam a vida da jovem mais interessante, quase a levaram a loucura (FREUD, 1888-1892/1996).

Para Breuer, Anna O. dispunha de duas particularidades psíquicas que a fizeram adoecer: a primeira diz respeito ao excesso de energia psíquica que ela possuía frente a uma vida pouco estimulante e a segunda está relacionada aos seus sonhos diurnos que serviam de fonte para a dissociação da personalidade (FREUD, 1888-1892/1996).

Não que isso signifique que os devaneios resultem em uma patologia, mas no caso de Anna O. foi suficiente para que a angústia se instalasse transformando os devaneios em uma "ausência alucinatória". (FREUD, 1888-1892/1996, p. 53). Assim, fica clara a importância da fantasia na histeria, mas ainda continua confuso se tratar-se-ia de uma fantasia inconsciente, por sua ligação com os sintomas, ou consciente, mais próxima dos sonhos diurnos.

Não raro observar que Freud empregou o termo fantasia inconsciente para falar de devaneios dos quais se é possível ter acesso posteriormente, gerando uma confusão sobre os limites de um e o início do outro, mas talvez, como aponta Laplanche (2001), Freud esteve mais preocupado em insistir nas ligações entre estes diversos aspectos da fantasia do que em estabelecer uma clara distinção.

A respeito das fantasias conscientes, Freud (1908a/2015) ocupou-se delas em analogia à brincadeira infantil. Ao brincar, a criança cria e recria sua vida, de maneira a arrumar e reorganizar as coisas para que funcionem de acordo com seu

agrado, despendendo na mesma muita emoção, tal como o poeta que cria para si um mundo de fantasia ao qual leva muito a sério.

Contudo, ao crescer a criança deixa de brincar e, com isso, deixa de obter a satisfação gerada pela brincadeira. Mas, na realidade, o que acontece não é o absoluto abandono da atividade prazerosa, e sim um adiamento, uma vez que a renúncia de um prazer já conhecido traria um grande sofrimento. Assim, por meio da formação substitutiva, a satisfação ainda pode ser alcançada (FREUD, 1908a/2015).

Dessa forma, o adulto deixa de brincar e passa a fantasiar. Mas, diferentemente da criança, o adulto não manifestará o conteúdo de suas fantasias e as conservará só para si, por delas sentir vergonha, como se elas fossem coisas de criança e proibidas (FREUD, 1908a/2015).

Das suas características, Freud (1908a/2015) revelou que a fantasia se restringe aqueles que de alguma forma encontram-se insatisfeitos. Assim, a insatisfação seria a força motriz capaz de impulsionar as fantasias, que nada mais são do que uma correção da realidade insatisfatória. Ademais, as fantasias diferenciam-se de acordo com o sexo, podendo ser eróticos, no caso das mulheres, e ambiciosos e egoístas, no caso dos homens (FREUD, 1908a/2015).

A partir das características das fantasias, Freud passou a se interessar pela sua formação. Assim, para o médico vienense, as fantasias emergem em três tempos, onde passado, presente e futuro se confundem, constituindo a fantasia a partir de uma ocasião no presente, que ao ser capaz de despertar um desejo, seguirá rumo a uma lembrança de uma vivência do passado, geralmente infantil, na qual o desejo era realizado, para então criar uma situação ligada ao futuro, em que realização do desejo se torna possível (FREUD, 1908a/2015).

Reunidas as características das fantasias dos adultos, Freud as aproximam da criação poética, cuja origem remonta às brincadeiras infantis. O poeta e a criança, com suas atividades, propiciam a liberação de prazer, ao dinamizarem de formas indiretas aquilo que na fantasia está oculto (FREUD, 1908a/2015).

Freud atribui essa capacidade à *Ars poetica*, que no poeta se expressa por suavizar o conteúdo do sonho diurno ao mesmo tempo em que propicia prazer aos que lhes leem, uma vez que permitem acesso à satisfação ao se ter a fantasia realizada, sem culpa e sem censura (FREUD, 1908a/2015).

A inspiração para tal feito seria encontrada em uma vivência infantil do poeta que, a partir da obra poética, torna-se capaz de expressar sentimentos muito intensos

que estavam adormecidos, ou seja, por trás de uma fantasia consciente há lembranças de um passado que, ou foi reprimido, ou sempre foi inconsciente.

Parece, então, que a problemática freudiana da fantasia não só dificultou uma distinção entre fantasia inconsciente e consciente, como, sobretudo, assinalava as relações estreitas entre ambas. Sabe-se assim, que as fantasias aproximam-se da consciência e podem permanecer sem serem perturbadas até serem repelidas caso haja a ocorrência de um forte investimento (LAPLANCHE, 2001).

No texto *Personagens psicopáticos nos palcos* (1905-06/2016), Freud afirmou que a tragédia é uma maneira de satisfação, desde que se saiba que quem sofre é um outro, no caso o personagem no palco, e que a trama não se refere a vida real, é só teatro, farsa, encenação.

Na cena aparece o herói e seu sofrimento em luta constante com diferentes moções, que terá fim, não com a derrota do herói, mas com a derrota do afeto, isto é, com uma renúncia. Entende-se que essa renúncia é uma repressão, imposta pelas exigências culturais, culminando em conflitos dos mais variados (FREUD, 1905-06/2016)

Sendo assim, o drama psicológico aponta para o drama psicopatológico quando o conflito não se resume a duas moções conscientes, mas a uma consciente e a outra reprimida. Eis que o poeta desvela seu próprio inconsciente em sua obra, rebuscando-a com aspectos mais nobres, tornando-a capaz de atrair admiração, ao invés de repulsa (FREUD, 1910b/2015).

Essa é a conclusão de Freud sobre a obra *Mona Lisa de Giocondo* de Leonardo da Vinci, que pode ter transformado sua fantasia de infância no sorriso enigmático e encantador da jovem florentina (FREUD, 1910b/2015).

Segundo Freud, Mona Lisa despertou em da Vinci um sentimento que há muito tempo estava adormecido. Nos seus escritos, da Vinci narrou uma lembrança infantil na qual um abutre dirigiu-se até seu berço, abriu sua boca e repetidas vezes bateu em seus lábios com sua cauda (FREUD, 1910b/2015).

Porém, como o próprio Freud assinalou, é comum que as lembranças da infância surjam em épocas posteriores, quando já não se é mais criança, modificadas e falseadas, colocadas a serviço de intenções do presente, tal como as fantasias.

Se está correto que as lembranças infantis incompreensíveis e as *fantasias das pessoas nelas construídas sempre destacam o que há de mais importante no seu desenvolvimento psíquico*, então, por meio da fantasia do

abutre, se fortalece o fato de que Leonardo passou os primeiros anos de sua vida sozinho com a mãe, o que pode ter sido a influência mais decisiva na formação de sua vida interior. (FREUD, 1910b/2015, p. 107 - Grifos da autora).

Diante disso, Freud aproximou a lembrança de infância de da Vinci a uma cena erótica, sendo o ato sexual representado pelo abutre que bate sua cauda nos lábios da criança. Assim, por trás da minuciosa análise que Freud fez da vida de Leonardo da Vinci aparece o que ele já anunciou em 1905, nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*: a sexualidade infantil.

E não por menos, Freud afirmou que as fantasias acentuam aspectos relevantes para o desenvolvimento do psiquismo, assim, de acordo com Laplanche (2001, p. 194) “é o conjunto da vida do sujeito que se revela como modelado, estruturado por aquilo a que se poderia chamar, para sublinhar o seu caráter estruturante, uma fantasística.”

Dessa forma, pode-se dizer que Leonardo da Vinci buscou inspiração para sua obra em suas fantasias que, por sua vez, tinham a função de camuflar suas moções eróticas. Segundo Freud, a fantasia do abutre poderia ser traduzida como uma relação erótica entre mãe e filho (FREUD, 1910b/2015).

E o sorriso de Mona Lisa poderia relacionar-se ao fato dele próprio ter enfeitado os lábios de suas figuras femininas em referências aos beijos apaixonados que sua mãe o destinava (FREUD, 1910b/2015).

Embora de difícil análise, Freud fez suas observações sobre a fantasia de infância de Leonardo da Vinci a partir dos conteúdos que ele teve acesso, ou seja, os materiais conscientes expressos pelo próprio artista. A facilidade do acesso às fantasias inconscientes se dá pelo fato delas já terem sido conscientes, tornando-se inconsciente por meio da repressão (FREUD, 1908b/2015, p. 239).

Das características da fantasia inconsciente, Freud assinalou, na obra *Considerações gerais sobre o ataque histérico* (1909a/2013), que ela pode ser composta por várias fantasias, ademais, ela é obscura, porque quem fantasia pode representar um par de opostos, devido a uma identificação mútua, sendo ao mesmo tempo a adaga que fere e a mão que afaga. A fantasia também revela uma inversão antagonística, ou seja, a possibilidade de um elemento se transformar em seu oposto, acrescida da inversão temporal, onde começo, meio e fim não respeitam a ordem cronológica dos fatos (FREUD, 1909a/2013).

Tais características são exemplos de deformações impostas pela resistência que precisam ser observadas nos ataques histéricos (FREUD, 1909a/2013). Dessa forma, percebe-se que essas fantasias relacionam-se com os sintomas neuróticos que, por sua vez, estão a serviço de uma satisfação do passado que foi abandonada.

Tal como no caso de da Vinci, essa satisfação tem relação com o erotismo, presente na infância. De acordo com Freud, de início a satisfação da zona erógena estava ligada à necessidade biológica que desvirtuou-se de sua finalidade. Por essa via, os processos sexuais do organismo, chamados de libido do Eu, passaram a destinar sua energia a objetos sexuais, tornando-se, então, libido objetal. Assim, a libido passou a se dirigir à objetos e, a partir disso, passou a guiar a atividade sexual da criança, com o objetivo de obter satisfação ao extinguir temporariamente a libido (FREUD, 1905/2016).

Contudo, o destino da libido objetal é ser reconduzida à libido do Eu ou libido narcísica, que é considerada por Freud o grande reservatório dos investimentos objetais, que ao mesmo tempo em que os fornecerá, também será o seu destinatário (FREUD, 1905/2016).

Percebe-se com isso que o primeiro objeto de satisfação é a mãe, ao dar o seio para seu filho. Para a criança, o aleitamento é uma “fonte contínua de excitação sexual e satisfação das zonas erógenas” (FREUD, 1905/2016, p. 144). Essa sensação não é somente a saciação da fome pelo alimento oferecido, mas também por receber amor e junto com ele todo o investimento materno, que, por sua vez, dedica ao seu filho tamanho investimento a partir de sua própria vida sexual (FREUD, 1905/2016).

Assim, o que era uma necessidade biológica passa a ser uma demanda de amor destinada aos que lhe cuidam. A mãe tenta não estimular mais do que o necessário o corpo de seu filho nos cuidados com a higiene, mas seu carinho e amor não são assexuais e estimularão também as zonas genitais do filho (FREUD, 1905/2016). Tal fato é comprovado por Freud quando certas mães o relatam que suas filhas, com idade de dois e três anos, sentem prazer ao serem tocadas durante a toalete e tentam manter por mais tempo o toque materno (FREUD, 1931/1974).

É tomando o corpo da mãe que a criança busca encontrar o objeto de sua pulsão e, posteriormente, retornará para seu próprio corpo, como forma de autoerotismo. Freud anuncia que há duas formas de encontrar o objeto, “um mediante o *apoio* nos modelos infantis; o segundo é o narcísico, que busca o próprio Eu, e o reencontra no outro” (FREUD, 1905/2016, p. 143).

Portanto, é em direção à mãe que a criança irá dirigir suas metas, apoiando sua escolha objetal na relação com aquele que lhe cuida e lhe dá amor. Assim, sabe-se, que no núcleo de uma fantasia, encontra-se um desejo incestuoso dirigido à mãe.

Dessa forma, recorrendo aos artistas que reportam em suas obras cenas a desejos infantis, Freud aproximou o neurótico da figura de Édipo, anunciando por meio tragédia a trama familiar que enlaça o neurótico e o faz cumprir, mesmo sem saber, um destino ao qual não pode escapar.

Freud, influenciado pela tragédia grega de Sófocles, dá o nome de complexo de Édipo à fase de enamoramento que a criança tem pela mãe acompanhado de um ódio mortal ao pai. Essa ideia aparece pela primeira vez na carta 71, datada de 15 de outubro de 1897. Assim, para Freud, Édipo rei, expressaria uma compulsão presente em cada um.

Cada pessoa da plateia foi, um dia, em germe ou na fantasia, exatamente um Édipo como esse, e cada qual recua, horrorizada, diante da realização de sonho aqui transposta para a realidade, com toda carga de recalçamento que separa seu estado infantil do seu estado atual. (FREUD, 1897g/1996, p. 316 - grifos da autora).

A respeito da peça de Sófocles, Freud ainda acrescentou:

O espectador não reage a ela, e sim ao conteúdo e sentido oculto da lenda. Ele reage como se, por meio da autoanálise, tivesse reconhecido em si próprio o complexo de Édipo e desmascarado a vontade divina e o oráculo como disfarces enaltecidos de seu próprio inconsciente; como se fosse obrigado a recordar o desejo de eliminar o pai e, em lugar dele, tomar a mãe como esposa, e se horroriza com esse desejo. (FREUD, 1917b/2014, p. 167 - grifos da autora).

Dessa forma, Freud aproximou a sedução que as histéricas narravam no início de sua clínica às fantasias incestuosas, relacionadas aos primeiros cuidados maternos. Mas, no caso da menina, ao deparar-se com a ausência do falo, crê ter sido vítima de um infortúnio, sabe que não tem, mas sonha em tê-lo e age como se homem fosse invejando o órgão masculino (FREUD, 1925/2011).

Nesse sentido, a menina culpa a mãe, mas abandona o desejo de ter um pênis para o desejo de ter um filho e toma o pai como objeto amoroso e a mãe como objeto de ciúmes, direcionando ao pai seus desejos incestuosos, herdados a partir dos cuidados maternos (FREUD, 1931/1974).

Contudo, Freud ainda insistiu em conhecer a verdade da origem do trauma. Porém, a verdade aparece quando dela nada se quer saber, pois, aquilo que é manifesto, oculta um outro sentido não manifesto: o do desejo inconsciente, portador de uma verdade (GARCIA-ROZA, 2008a).

Uma verdade a qual ninguém pode escapar e que faz o homem já na infância culpado por um crime que nunca foi cometido de fato, mas capaz de gerar tamanho horror que sua simples suposição já acarreta em necessidade de punição: o parricídio e o incesto (GARCIA-ROZA, 2008a).

Dessa origem, Freud falou por meio da tragédia e assinalou que dela só é possível ter acesso a posteriori, quando se é capaz de construí-la. Eis que entra uma terceira forma da fantasia empregada por Freud: a *Urphantasien*, ou seja, as fantasias originárias.

As fantasias originárias apareceram na obra freudiana em 1915 e se prestam a anunciar uma inconsistência onde se acredita haver sentido. Nesse engano, as fantasias cumprirão um papel dúbio: se por um lado, servirão para encobrir o furo da origem, por outro, serão o caminho para desvelá-lo, em um contínuo trabalho de construção, onde a evidência deixa de ser o sintoma e passa a ser o desejo como causa.

3 DE UM FURO QUE MARCA A ORIGEM: UM ESTUDO SOBRE A REPRESSÃO

“No mais, mesmo, da mesmice, sempre vem a novidade”.
(Rosa, 2016).

3.1 O QUE SE ESQUECE NA REPRESSÃO? A FANTASIA COMO SATISFAÇÃO DA LIBIDO

Freud no texto *Contribuição à história do movimento psicanalítico* é categórico ao afirmar que “a teoria da repressão é o pilar em que repousa o edifício da psicanálise” (1914a/2012p. 257). A relevância do conceito de Verdrängung se dá de tal maneira que não é raro notar na obra freudiana sua proximidade ao conceito de inconsciente (Unbewusste), marca registrada da psicanálise (FREUD, 1914a/2012), *cujo âmago consiste de representantes pulsionais que ambicionam descarregar sua tensão*. (FREUD, 1915c/2017). Logo, repressão e inconsciente passaram a tecer uma extensa correlação (FREUD, 1915b/2010) e falar de um implica em situar o outro.

Assim, se Freud empregou os adjetivos “*necessária e legítima*” (FREUD, 1915c/2010, p. 101) para classificar o conceito de inconsciente em sua obra, então, ousa-se supor a também importância do conceito de repressão, em que pese ambos figurarem como simples suposições do pensar freudiano, uma vez que são inacessíveis à qualquer abordagem fisiológica do aparelho psíquico (FREUD, 1915c/2010).

Em *Pulsão e seus destinos*, Freud (1915a/2017) analisou que no início da atividade científica não é possível evitar a aplicação de “*ideias abstratas*” (FREUD, 1915a/2017, p. 15), que de início precisam manter um certo grau de indeterminação, por não haver uma clara delimitação de seus conteúdos, mas que a posteriori desempenharão um papel central, ao serem a base dos conceitos fundamentais da ciência.

Freud (1915a/2017) ainda acrescentou que tais “*ideias abstratas*” tem o caráter de convenções e de todo modo não são escolhidas arbitrariamente, mas determinadas de acordo com a relação que estabelecem com o material empírico. Assim, somente após uma minuciosa investigação do campo de fenômenos se pode

apreender os conceitos fundamentais de forma mais precisa, de modo que eles se tornem isentos de contradição e prontos para serem utilizáveis em larga medida.

É possível notar a equivalência de tais ideias abstratas, defendidas por Freud, aos conceitos da sua metapsicologia, tal como os conceitos fundamentais da psicanálise: inconsciente, repressão, pulsão, transferência, etc.

Dessa forma, embora tais conceitos pareçam incognoscíveis, são na realidade passíveis de investigação pelo estreito laço com os processos psíquicos conscientes (FREUD, 1915c/2010). Logo, Freud delineia sua metapsicologia ao descrever um processo psíquico em suas relações dinâmicas, topológicas e econômicas, sem hesitar em tratá-los como objetos da investigação psicanalítica, uma vez que apresentam uma estreita relação com os “*atos anímicos conscientes*” (FREUD, 1915c/2010, p. 104).

Não por menos, a hipnose é abandonada quando Freud percebe a resistência na fala de seus pacientes, pois não mais se tratava de trazer à consciência o fator traumático. Afinal, comunicar ao paciente uma ideia reprimida não suprime a repressão e nem desfaz suas consequências. Ao contrário, comunicar ao paciente uma ideia reprimida faz tão somente que a repressão seja reafirmada (FREUD, 1915c/2010).

Era necessário um passo a mais, visto que a hipnose já não era mais suficiente para dar conta dos casos complexos analisados por Freud, que passou a destinar sua atenção aos tropeços da memória, aos deslizos da fala, às ingênuas trocas de palavras que sempre estavam presentes na análise de seus pacientes.

Diante do fenômeno clínico da resistência a história da psicanálise teve início (FREUD, 1914a/2012), levando Freud a abandonar a teoria do trauma e a considerar o conceito de repressão (GARCIA-ROZA, 2009) que, segundo ele, passou a ser o protótipo de tudo o que é inconsciente (FREUD, 1923a/2011).

A resistência empregada por parte do doente foi considerada por Freud uma defesa, a fim de manter fora da consciência a ideia ameaçadora, em que o Eu censuraria uma determinada ideia ou um conjunto de ideias (GARCIA-ROZA, 2009).

Observa-se que à princípio, Freud empregou o termo defesa para falar da impossibilidade de uma conciliação entre uma representação ou grupo de representações e o Eu, porém, a partir da *A interpretação dos Sonhos*, ele passou a empregar o termo repressão em detrimento de defesa, que aparecerá cada vez de forma mais vaga. Nesta obra, em que o método psicanalítico é apresentado, Freud

expõe o aparelho psíquico como um sistema, em que a repressão tem papel central na cisão psíquica entre inconsciente e consciência (GARCIA-ROZA, 2008b).

Enquanto o sistema inconsciente tem sua atividade voltada para o escoamento das excitações, o sistema consciente tem por função inibir a descarga, sendo denominados, respectivamente, processo primário e processo secundário. Sua função é clara: à consciência cabe interditar o acesso livre de representações da instância inconsciente, que constituem ameaça (GARCIA-ROZA, 2008b).

Em 1915, Freud escreveu o artigo *A repressão*, definindo-a como essencial para manter no inconsciente representações ligadas à pulsão (*Trieb*), que uma vez realizada poderia causar desprazer devido a impossibilidade de conciliar-se com outras exigências do Eu (LAPLANCHE, 2001).

A pulsão é situada na fronteira entre psíquico e somático e visa a satisfação, que pode ser alcançada através de objetos variados. Contudo, da pulsão só é possível conhecer seus representantes que provém de estímulos oriundos do interior do organismo, em decorrência de sua relação com o corpo (FREUD, 1915a/2017).

Assim, para Freud a pulsão advém de múltiplas fontes orgânicas, inicialmente independentes uma das outras, mas que depois se reúnem como em uma síntese com o objetivo de obter o prazer do órgão (FREUD, 1915a/2017). Por esta via, pode-se afirmar que a pulsão sempre alcança a sua meta, pois a satisfação de uma pulsão é sempre prazerosa. O que é capaz de gerar desprazer é o representante ideativo da pulsão ao entrar em confronto com o sistema pré-consciente-consciente (GARCIA-ROZA, 2009, Freud e o Inconsciente), ou seja, um conflito entre as exigências da sexualidade e as do Eu (FREUD, 1915a/2017).

Na infância já aparece o conflito entre a pulsão de autoconservação ou do Eu e pulsão sexual que desenvolve-se inicialmente ao apoiar-se em funções orgânicas, cujo objetivo era a preservação da vida, afastando-se dela posteriormente (FREUD, 1915a/2017).

As primeiras satisfações sexuais autoeróticas são experimentadas em conexão com funções vitais da autoconservação. Os instintos sexuais apoiam-se de início na satisfação dos instintos do Eu, apenas mais tarde tornam-se independentes deles; mas esse apoio mostra-se ainda no fato de as pessoas encarregadas da nutrição, cuidado e proteção da criança tornarem-se os primeiros objetos sexuais, ou seja, a mãe ou quem a substitui (FREUD, 1914b/2010, p. 32 - Grifos da autora).

Mas, assim como os pais e seus representantes ocupam lugar de destaque para seus filhos, a criança também ocupa lugar de destaque para os pais. Os pais amam em seus filhos um pedaço de si, tal como os filhos que se vêm atrelados ao amor dos pais, constituindo o seu próprio Eu a partir daquilo que recebem deles.

Dessa forma, o que antes era destinado a objetos externos, como o seio materno, cuja principal função era nutrir a criança e garantir sua sobrevivência, transforma-se em meio de satisfazer a pulsão sexual, que apresenta à criança outras formas de obter prazer, dissociando-se da finalidade orgânica, a qual, no início, esteve vinculada (FREUD, 20, 1917^a/2014).

A criança passou a tomar seu próprio corpo como objeto, o que Freud denominou de narcisismo, mas não podia tê-lo feito sem o narcisismo primário, recebido dos pais, que passaram a depositar no filho a esperança de realizar o que eles não foram capazes, nascendo o que Freud denominou de *His Majest the Baby* (FREUD, 1914b/2010).

Contudo, para haver o desenvolvimento do Eu é necessário o afastamento do narcisismo primário para, em seguida, tentar obtê-lo novamente. Esse afastamento só é possível a partir do deslocamento da libido para um ideal do Eu, imposto de fora. Mas esse ideal nada mais é do que a introjeção das críticas parentais em forma de Supereu (FREUD, 1914b/2010).

Cumprir as metas estabelecidas pelo ideal, embora proporcione de início um empobrecimento do Eu, faz com que ele recupere sua antiga estima. A idealização envolve o objeto, que é elevado psiquicamente, ou seja, também idealizado. Assim, no âmbito da libido, cada qual torna-se incapaz de renunciar à satisfação que já foi experienciada e a fim de não privar-se da perfeição narcísica busca readquiri-la na forma de Supereu (FREUD, 1914b/2010).

Dessa forma, cabe aos homens a tentativa de retirar a libido dos objetos e incorporá-lo ao Eu.

Então a pessoa ama, em conformidade com o tipo da escolha narcísica de objeto, aquilo que já foi e que perdeu, ou o que possui os méritos que jamais teve (FREUD, 1914b/2010, p. 49).

Eis que a transformação da libido objetual em libido narcísica acarreta um abandono das metas sexuais e o Eu passa a assumir os traços do objeto perdido, identificando-se com ele. Assim, oferece-se como objeto de amor ao inconsciente que

assume com o ideal do Eu um laço muito mais estreito do que com o Eu, embora dele faça parte (FREUD, 1923a/2011).

A identificação facilita o abandono do objeto pelo Eu, mas acentua as escolhas objetais ao período sexual em que a criança esteve ligada aos pais, porém não sem haver uma enorme complexidade devido a dois fatores principais: a natureza triangular da fase edípica e a bissexualidade constitucional (FREUD, 1923a/2011).

A criança toma a mãe como primeiro objeto de amor, a partir do contato com o seio materno fonte de alimento e com o pai é estabelecida a identificação. As duas situações acontecem simultaneamente até que o pai passa a ser visto como obstáculo à realização do desejo incestuoso, dando início ao complexo de Édipo (FREUD, 1923a/2011).

Considerando o complexo de Édipo simples e positivo, a criança do sexo masculino irá dirigir ao pai sinais de hostilidade e desprezo, ambicionando ter para si todo o amor materno. Essa fase tende a ruir com a dissolução do complexo de Édipo, em que o investimento objetal na mãe é abandonado, ficando como resquício ou uma identificação com a mãe ou um fortalecimento da identificação com o pai (FREUD, 1923a/2011).

É importante ressaltar que o sentimento de ambivalência em relação ao pai torna ainda mais complexa as primeiras identificações e as escolhas objetais. Freud pontua que essa ambivalência pode estar mais relacionada à bissexualidade do que com a identificação, uma vez que o complexo de Édipo depende da bissexualidade (FREUD, 1923a/2011).

Assim, o menino experiencia não somente um sentimento de rivalidade em relação ao pai, mas também almeja seu amor, enquanto identifica a mãe como ameaça ao seu amor. Ao fim dessa trajetória restará uma identificação com a mãe e com o pai, em que o estabelecimento dessas duas identificações compõe um precipitado do Eu (FREUD, 1923a/2011).

O Supereu surge como herdeiro do complexo de Édipo e desempenha uma dupla função como resíduo das primeiras escolhas objetais do inconsciente e como uma formação reativa a estas: *seja como teu pai, mas não desfrute daquilo que lhe apraz* (FREUD, 1923a/2011).

Assim, com a formação do ideal, a criança vê-se obrigada a renunciar os desejos edípicos e os internaliza, como um novo obstáculo, mas agora dentro de si

mesma. Ao Eu cabe assenhorar-se do complexo de Édipo ao mesmo tempo em que se submete ao inconsciente, na ânsia em ser por ele amado (FREUD, 1923a/2011).

Esse cenário, em que os pais servem como obstáculo à realização dos desejos inconsciente, tanto quanto a regras culturais que impõe limites rígidos, favorecem a repressão. Assim, o Eu torna-se responsável por reprimir as ideias de conteúdo incestuoso, que situam a criança frente ao objeto de desejo (FREUD, 1923a/2011).

Cabe ao representante da pulsão, reprimido pelas exigências do Eu, achar uma maneira de se manifestar através de meios não tão diretos, tornando-se irreconhecível diante da consciência (FREUD, 1915b/2010). Frente a repressão o representante pulsional encontrará uma nova ideia substitutiva no sistema consciente a qual unir-se, restabelecendo assim o afeto a partir do substituto consciente (FREUD, 1915c/2010).

A fim de exemplificar o funcionamento da repressão, Freud recorre a uma analogia: imagine se na sala de conferência há uma pessoa que perturba com sua voz estridente e seu riso incessante. Diante da má conduta do homem na plateia, Freud recusa-se a continuar a palestra. Outros homens, incomodados com a impossibilidade de assistir à exposição, retiram a força o cavalheiro e o deixam do lado de fora do auditório e para garantir que a exposição não seja mais interrompida, esses mesmos homens, levam suas cadeiras até a porta, oferecendo barreira (resistência) ao que homem que foi expulso (reprimido) (FREUD, 1910a/2013).

Mas, supondo que o ato de expulsá-lo não foi suficiente e o cavalheiro continuou perturbando o andamento da conferência com seus gritos de protesto. Seria de bom grado que alguém pacificador se prontificasse a resolver a questão com um novo acordo: as portas voltariam a ficar aberta desde que o cavalheiro concordasse em se comportar melhor. A repressão, assim, seria suspensa para que se dessa continuidade à exposição (FREUD, 1910a/2013).

Na neurose acontece da mesma forma: o conteúdo reprimido continua a existir no inconsciente a espera de um momento para ser ativado, mas, antes disso, passa a enviar à consciência ideias substitutivas a partir do contrainvestimento, que cumpre a função de manter longe da consciência a ideia reprimida, ao mesmo tempo servindo como causa da angústia, assim tudo o que estiver relacionado a tal ideia será investida de forte intensidade (FREUD, 1915c/2010).

Com o Eu se passa algo semelhante, ao transformar as vontades do inconsciente como se fossem suas, no esforço de fazer valer as influências externas sobre ele, a fim de substituir o princípio de prazer pelo princípio de realidade (FREUD, 1923a/2011).

De fato, parte do Eu terá que ceder às influências do inconsciente, mas não sem antes exercer sobre este uma repressão constante e contrária à satisfação pulsional (FREUD, 1923a/2011), que caso realizada tornar-se-ia fonte de prazer, em um lugar, e desprazer em outro, devido a impossibilidade de conciliação com outras exigências e intenções (FREUD, 1915b/2010).

Para que ocorra a repressão é necessário que o desprazer seja mais intenso do que a sensação prazerosa. (FREUD, 1915b/2010). Porém, a repressão só atinge a consciência, o material reprimido continua livre no inconsciente, formando derivados e estabelecendo conexões.

Assim, as tendências libidinais reprimidas conseguem se manifestar por caminhos diversos, os mesmos caminhos da formação dos sintomas, que passam a funcionar como substitutos do desejo inconsciente frustrado (FREUD, 1917c/2014). Segundo Freud, a repressão marcaria a possibilidade da satisfação da pulsão sexual, que se não realizada diretamente, encontra outros meios para se expressar.

No artigo *Pulsão e seus destinos*, Freud apresentou a repressão como um dos destinos da pulsão, que tem como função cumprir um duplo papel: ser um meio de satisfação e, ao mesmo tempo, um mecanismo de defesa contra as próprias pulsões (GARCIA-ROZA, 2008b).

Dessa forma, a repressão não impede a satisfação da pulsão. Se assim fosse, o próprio aparelho psíquico perderia sua razão de existir. Ademais, caso não ocorra a liberação da energia, a tensão interna torna-se insuportável. Assim, tem-se de um lado a exigência de escoamento da energia inconsciente e, de outro, a necessidade da consciência defender-se dos conteúdos reprimidos. Desse modo, é necessário a existência de um critério segundo o qual o conflito entre os dois sistemas encontre uma solução. E esse critério seria, na opinião de Freud, a chave da teoria da repressão (GARCIA-ROZA, 2008b).

Tal repressão seria responsável pela formação do sintoma neurótico. À princípio, Freud supunha que para a supressão dos sintomas era necessário que o enfermo passasse a conhecer a ideia reprimida. Porém, com a avanço de sua teorização, Freud percebeu que a direção da cura não se restringia a recondução do

sintoma às mesmas vias da ideia reprimida, pois o que antes era delineado como um par de opostos, tal como noite-dia, passa a ter suas fronteiras não tão delimitadas, como havia sido esboçado em 1910 nas *5 lições*.

No importante texto de 1923, *O Eu e o Id*, Freud expõe que a consciência não é de todo separado do inconsciente, passando a designá-los de Eu e Id, respectivamente. Dessa forma, Freud defende a ideia que o Eu é parte do Id que sofreu uma modificação devido às influências do mundo externo.

Freud faz uma analogia entre o funcionamento do aparelho psíquico e um cavaleiro que conduz seu cavalo, colocando rédeas à força superior do animal, mas que para continuar o passeio precisará ceder, em certas circunstâncias, à vontade do cavalo (FREUD, 1923a/2011).

De modo semelhante ocorre com o Eu, ao transformar as vontades do Id como se fossem suas, no esforço de fazer valer as influências externas sobre o Id, a fim de substituir o princípio de prazer pelo princípio de realidade. De fato, parte do Eu terá que ceder às influências do Id, mas não sem antes exercer sobre este uma repressão constante e contrária à satisfação pulsional (FREUD, 1923a/2011).

Desse modo, se uma parte do Eu é inconsciente, o inconsciente não é o protótipo do reprimido, podendo também ser latente, ou seja, capaz de acessar à consciência. Ao que é latente, Freud denomina de pré-consciente, estando ele muito mais próximo da consciência do que o inconsciente reprimido, mas que mesmo rechaçado pelo Eu tentará ascender à consciência (FREUD, 1923a/2011).

De acordo com Freud, entre as fronteiras do sistema inconsciente e pré-consciente acha-se a repressão, capaz de causar uma ruptura entre o afeto e a ideia à qual o investimento consciente estava ligado (GARCIA-ROZA, 2009). Assim, a ideia poderá permanecer não investida, ou passará a receber investimento do inconsciente, ou ainda manterá o investimento inconsciente que já possuía (FREUD, 1915c/2010).

Como consequência da repressão surge o afeto ou a angústia, que para serem conservados precisam manter uma pressão constante na direção da consciência, pois sua cessação poderia pôr fim ao seu êxito (FREUD, 1915b/2010). Se a repressão precisa manter uma pressão constante significa que o material reprimido persiste na procura de uma expressão consciente, e o faz exercendo uma atração constante a fim de escoar sua energia (GARCIA-ROZA, 2008b).

Freud afirmou em *A cisão do Eu no processo de defesa* (1938/2007) que o homem responde ao conflito com duas reações opostas, válidas e ativas. Por um lado,

rechaça a realidade e rejeita qualquer proibição, por outro lado, reconhece o perigo, ataca dentro de si o medo como um sintoma e tenta lidar com ele.

Dessa forma, o sintoma surge como derivado da realização de um desejo inconsciente libidinal, após passar por um longo e complexo processo que o torna praticamente irreconhecível, uma vez que a libido abarca em si a expressão da realização de um desejo inconsciente e o seu contrário, a fim de driblar as exigências impostas pelo Eu (FREUD, 1917e/2014, p. 181).

Assim, a libido encontra satisfação por outros caminhos:

Sabemos também que uma das partes do conflito é a libido insatisfeita, rechaçada pela realidade, que agora tem de buscar outros caminhos para sua satisfação. Se a libido se dispõe a aceitar outro objeto no lugar daquele que lhe foi recusado e, ainda assim, a realidade permanece irredutível, então a libido será enfim obrigada a encetar o caminho da regressão e procurar satisfação em uma das organizações já superadas ou por um dos objetos anteriormente abandonados. Para o caminho da regressão a libido é atraída pela fixação que deixou para trás, nesses pontos de seu desenvolvimento (FREUD, 1917e/2014, p. 180).

Freud ainda acrescenta que:

A libido é como que barrada e precisa fugir para algum lugar onde possa dar vazão à energia investida, conforme a exigência do princípio do prazer. Tem de subtrair-se ao Eu. Tal escapatória lhe é permitida pelas fixações no caminho de seu desenvolvimento, que agora ela segue regressivamente; trata-se daquelas mesmas fixações contra as quais o Eu, outrora, se protegera mediante repressões (FREUD, 1917e/2014, p. 180).

Dessa forma, a libido irá buscar satisfação em modelos do passado, que já a haviam agradado, porém, como tais meios foram outrora reprimidos, seu acesso só poderá acontecer por meio de condensação e deslocamento. Idêntica ao sonho, a libido encontra meios de satisfação em materiais já reprimidos, mas distorcidos, tal como o sonho que vem anunciar a realização de uma fantasia inconsciente (FREUD, 1917e/2014).

Em suma, é por meio das antigas fixações, práticas e vivências da sexualidade infantil, tendências parciais deixadas para trás e objetos da infância abandonados, que a libido pode avançar rumo a uma satisfação possível que, no entanto, é extremamente limitada e quase irreconhecível (FREUD, 1917e/2014).

Segundo Freud, a fixação libidinal do adulto representa o fator constitucional e está diretamente relacionada às vivências sexuais infantis, que ao mesmo tempo

são fundamentais à manutenção da vida do homem, como também de sua doença. O sintoma, neste caso, produz um substituto para a satisfação frustrada por meio da regressão da libido a estágios do desenvolvimento anteriores da escolha objetal ou da organização sexual (FREUD, 1917e/2014).

Indo de encontro ao passado, o neurótico é aquele que se dispõe a regredir até mesmo ao período de amamentação na ânsia em encontrar uma suposta satisfação perdida. Mas, o que antes gerava satisfação foi abarcado pela censura e só pode ser realizado quando em conformidade a sensações que causam desprazer, uma vez que junto a realização do prazer, está a sua renúncia (FREUD, 1917e/2014).

Freud declara que as vivências infantis às quais a libido se fixou não são verdadeiras, ou seja, tratam-se de fantasias dos neuróticos. Porém, por serem criações dos próprios doentes, as fantasias têm importância e se prestam a anunciar a realidade psíquica (FREUD, 1917e/2014). No entanto, a fantasia só pode ser conhecida sob a máscara do trauma (SOLER, 2004)

A fantasia de sedução, observada na fala das histéricas já no início da teorização da psicanálise, é acompanhada por outras fantasias constantemente narradas e que de fato não podem condizer com a realidade, trata-se da observação dos pais durante o coito e da ameaça de castração. Obviamente, não se olvida duvidar da realidade de fatos como esses, mas certamente não são a regra e podem ser fruto de uma fantasia inconsciente (FREUD, 1917e/2014).

Com as fantasias de sedução a criança se presta a ocultar o período autoerótico de sua atividade sexual, como uma defesa contra as recordações da atividade masturbatória infantil, que são recalcadas da consciência. Frente a vergonha da masturbação, a criança recua para uma época anterior a fantasia com o objeto desejado. Ela aparece a partir da renúncia de Freud da teoria da sedução. Se antes Freud acreditava que o que fundamentava os sintomas histéricos era um trauma de origem sexual na infância, constatou, posteriormente, que a origem do sintoma se assentava em uma fantasia baseada nas experiências da sexualidade infantil não necessariamente reais.

E mesmo nos casos em que se constata o abuso por parte de um adulto, é comum que a sedução tenha ocorrido em um período anterior ao narrado pela vítima, que transpõe a violência sofrida à períodos ainda mais precoces (FREUD, 1917e/2014).

Freud irá afirmar que tais acontecimentos na infância são essenciais à constituição da neurose. Assim, a fantasia é o que estava presente entre os sintomas e as impressões infantis do paciente. Sua presença aparece fortemente no período de puberdade, mas é sustentada por cenas infantis, ao mesmo tempo em que destina-se à formação dos sintomas.

Contudo, se a fantasia tem a mesma função que a realidade, em que se assenta o conteúdo dessas fantasias? Certamente as fontes de tais fantasias são pulsionais e seus conteúdos são sempre idênticos por se tratarem de fantasias primordiais, relacionadas a uma herança filogenética: acerca do assunto, Freud declara:

Nelas, o indivíduo vai além de suas vivências pessoais e recorre àquelas de tempos primordiais, onde suas próprias se tenham mostrado muito rudimentar. Parece-me bem possível que tudo o que é hoje relatado em análise - a sedução da criança, a excitação sexual inflamada pela observação da relação sexual dos pais, a ameaça de castração (ou, antes, a castração) - tenha sido realidade nos primórdios da família humana, e que a fantasia da criança simplesmente preenche as lacunas na verdade individual com a verdade pré-histórica (FREUD, 1917e/2014, p. 187 - grifos da autora).

Mesmo as fantasias se tratarem de um assunto ainda pouco esclarecido, não há dúvidas sobre sua relevância na vida psíquica. O homem é educado para renunciar o princípio de prazer em detrimento ao princípio de realidade, tendo que renunciar a uma série de objetos que o satisfazem. No entanto, essa substituição não é feita sem que se haja um ganho. Por meio da fantasia o conteúdo reprimido pode manifestar-se livre das demandas da realidade.

3.2 O HOMEM DOS LOBOS, A REPRESSÃO PRIMORDIAL E ALGO DA ORIGEM NO CERNE DA QUESTÃO

Freud esteve preocupado em dar à psicanálise um estatuto científico, mas, de certa forma, foi na contramão de sua proposta que os conceitos psicanalíticos passaram a ser descritos. Longe de ser uma teoria mítica, a psicanálise é uma prática ética que exige muito daqueles que se ocupam a exercê-la.

A psicanálise utilizou-se e utiliza de ideias abstratas na formulação de seus conceitos exatamente por privilegiar os contornos amplos e semanticamente abertos, prontos para se transformarem a partir do confronto com o material empírico. Dessa

forma, é necessário um certo grau de indeterminação e até mesmo obscuridade, pois só assim o investigador pode surpreender-se com suas descobertas e redefini-las quando suas ideias iniciais já não cabem mais no que é observado agora (IANINI, 2017)

Uniam-se, na longa e elabora metapsicologia freudiana, o rigor conceitual da ciência e a criação poética, que acompanharam Freud nos seus estudos sobre os mitos, sonhos, chistes e, ademais, na redação de seus casos clínicos. Os famosos casos de Freud serviam para questionar a teoria e apresentar novos conceitos, que antes pareciam sem importância.

Assim, surge no famoso caso do homem dos lobos um detalhado e minucioso estudo sobre a neurose infantil, que se prestou a denunciar a necessidade de haver algo anterior à repressão, que se pusesse a constituir o aparelho psíquico tal como era conhecido, uma vez que a existência da repressão pressupõe a própria cisão (GARCIA-ROZA, 2008b).

Ocorre que a cisão da subjetividade em dois sistemas não pode ser operada senão pela própria repressão, que ao mesmo tempo é um mecanismo do sistema pré-consciente-consciente contra os efeitos do inconsciente, e o mecanismo responsável pela divisão do aparato psíquico, ou seja, ao mesmo tempo em que ele funda a divisão dos dois sistemas, ele também opera a partir da divisão já constituída (GARCIA-ROZA, 2008b).

Dessa forma, como explicar esse início tão controverso? Lembrando que de um início Freud já havia se ocupado por meio do mito, mas cabia novamente uma nova exposição, talvez uma nova forma de falar do mito, porém dessa vez, por meio da repressão primordial.

Assim, diante dessa complexidade, Freud em 1911 apresentou a distinção de três fases do processo de repressão: a fixação, a repressão propriamente dita e o retorno do reprimido.

A fase de fixação ficou conhecida como repressão primordial, que seria anterior e necessária a qualquer outra fase da repressão, em que a pulsão sexual ou parte dela não acompanhou o desenvolvimento normal e, por meio da inibição, permaneceu em um estágio infantil (FREUD, 1911b/2010).

No caso do Homem dos lobos, Freud dedicou-se ao estudo detalhado da repressão primordial. Na mesma época, o psicanalista austríaco dedicava-se à escrita dos artigos da metapsicologia, nem por isso deixou de dispensar atenção ao caso

clínico. Afinal, os casos clínicos de Freud não se prestavam somente a elucidar conceitos, mas sobretudo a reconhecer o saber inconsciente que seus pacientes lhes podiam ensinar (COTTET, 1989). Dessa forma, os relatos de caso para a psicanálise têm um caráter fundador (PORGE, 2009).

Assim, Freud fez uso de um caso clínico para circunscrever a origem daquilo que só poderia ser conhecido a posteriori, tal como o mito. O caso em questão era de uma neurose infantil que não fora analisada na época de sua aparição, mas sim, quinze anos depois, quando já adulto, Sergius Pankejeff, o homem dos lobos, encontrava-se incapacitado para a vida, recorrendo ao tratamento psicanalítico com Freud (FREUD, 1918 [1914] /2010).

Dos quatros aos dez anos de vida, Sergius Pankejeff fora acometido por uma grave histeria de angústia (zoofobia), que se transformou, em seguida, em uma neurose obsessiva com conteúdo de cunho religioso e que, segundo Freud, foi mal curada. As primeiras manifestações do sintoma ocorreram após a chegada de uma governanta inglesa na família, que se dispunha contra Nânia, babá das crianças (FREUD, 1918 [1914] /2010).

O homem dos lobos provém de uma família cujos pais apresentavam desde muito jovens sérias afecções orgânicas, que os mantiveram longos períodos longe do filho caçula, o homem dos lobos, e da filha mais velha. A babá, que os cuidava, embora inculta, teve papel fundamental na vida das crianças (FREUD, 1918 [1914]/2010).

Aos cinco anos de idade o homem dos lobos passou a apresentar um comportamento adverso ao que antes apresentava. Lembra-se de temer profundamente a figura de um lobo de uma história infantil, passando, a partir de então, ser aterrorizado por sua irmã que sabia de seu medo em ser devorado pelo animal feroz. Em seguida, passou a temer outras animais nem tão perigosos, mas que, mesmo assim, causavam-no angústia (FREUD, 1918 [1914]/2010).

Após o período de fobia de animais, o homem dos lobos passou a apresentar um quadro de neurose obsessiva com forte devoção religiosa, que o fazia cumprir uma série de rituais, que findou aos oito anos ao ser influenciado por educadores, que passaram a ocupar o lugar que antes era o de sua babá (FREUD, 1918 [1914]/2010).

Em sua análise com Freud, o homem dos lobos revelou haver sofrido, de sua irmã, uma iniciação à prática sexual na infância, quando ela segurou em seu órgão sexual, acusando a babá de fazer o mesmo com outros homens. Mas, posteriormente,

em sua fantasia, o homem dos lobos passou a ter uma postura ativa frente a irmã, querendo vê-la despida (FREUD, 1918 [1914]/2010).

Sob influência da irmã, o homem dos lobos passou a ser hostil contra a babá que, segundo ele, comportava-se com os demais homens da mesma forma como sua irmã havia se comportado com ele, lançando sobre a babá o ódio que sentia da própria irmã (FREUD, 1918 [1914]/2010).

Para o homem dos lobos, sua irmã era uma rival na disputa do amor dos pais, enciumando-se principalmente do sentimento que seu pai tinha pela genialidade que ela possuía. Porém, teve sua mocidade interrompida, ao cometer suicídio, deixando o irmão como único herdeiro da fortuna da família (FREUD, 1918 [1914]/2010).

O falecimento da irmã não causou, ao homem dos lobos, grande lástima. Rivalizava com ela o amor dos pais e desde o ato sexual, em que ela o havia incitado, passou a evitá-la, sem contudo, deixar de eleger uma outra para ocupar o seu lugar. Nânia, sua babá, foi eleita como destinatária de seus investimentos amorosos, e ao brincar com seu membro na frente de Nânia, ela o interditou, dizendo que ele ficaria com uma ferida no pênis caso voltasse a se masturbar. Assim, o menino diante de suas primeiras excitações sexuais, deparou-se com o problema da castração. Tornou-se irritadiço e passou a destinar sua hostilidade, principalmente, à sua babá (FREUD, 1918 [1914]/2010).

Sua agressividade para com Nânia o colocava em uma posição ativa, frente ao que antes experienciou passivamente, ao ser tocado pela irmã. Com o retorno do pai na casa, após um viagem de férias, a agressividade passou a ter um propósito masoquista, com o objetivo de receber castigo e, assim, aliviar-se do sentimento de culpa (FREUD, 1918 [1914]/2010).

Assim, o menino que até os três anos de idade era calmo, passou a ser inquieto e provocador, mas uma outra circunstância, ainda na infância, fez com que o menino mudasse novamente de comportamento, porém, tal mudança não se atribuiu a uma trauma exterior, mas a um sonho que o causou grande angústia (FREUD, 1918 [1914]/2010).

O emblemático sonho do homem dos lobos foi o que permitiu Freud reconstruir a história do rapaz e cuja interpretação é essencial para o entendimento da repressão primordial (GARCIA-ROZA, 2009).

No sonho, o menino estava dormindo em seu quarto quando a janela se abriu e ele avistou, bem a sua frente, alguns lobos brancos sentados nos galhos de uma

árvore o observando silenciosamente. Com medo de ser devorado, o menino gritou e despertou no meio da noite, demorando para convencer-se de que a cena não era real (FREUD, 1918 [1914]/2010).

Na época de sua infância, o homem dos lobos contou que ligava este sonho com o medo que ele tinha do lobo de uma história infantil e a irmã, sabendo disso, o amedrontava e zombava de sua cara. A cor branca dos lobos o fazia pensar nas ovelhas que viviam aos arredores de sua casa e que haviam sido dissipadas por causa de uma peste e estariam eles em cima de uma árvore por conta de uma história que seu avô o contava sobre um alfaiate que foi atacado por um lobo e que, para defender-se, agarrou-o com tanta força que foi capaz de arrancar o rabo do bicho (FREUD, 1918 [1914]/2010).

O lobo mutilado fugiu, contudo, quis vingar-se ao avistar o alfaiate na floresta. Com outros lobos cercou o velho homem que, para defender-se, subiu em uma árvore. O lobo vingativo teve a ideia de alcançar o homem construindo uma pirâmide de lobos, mas o alfaiate proferiu as mesmas palavras que havia dito no dia da mutilação e o lobo, com medo, saiu correndo, deixando os outros lobos caírem no chão (FREUD, 1918 [1914]/2010).

Essa referência fez Freud pensar no complexo de castração, pois o medo que o menino tinha do pai era a fonte de seu adoecimento. Freud salientou que no sonho do menino dois aspectos sobressaíam: o olhar fixo e a imobilidade dos lobos. Assim, acreditava ele que esses dois aspectos poderiam estar presentes na cena originária, após ter sofrido alguma deformação. Mais precisamente, Freud acreditava que na realidade havia nos lobos algo do próprio menino e na cena traumática e desconhecida era ele quem ocupava o lugar de observador, em que a atividade deu lugar à passividade (FREUD, 1918 [1914]/2010).

Neste cenário, o homem dos lobos remontou uma cena antiga da qual não pode compreender devido sua pouca maturidade. Assim, por trás da cena dos lobos havia o coito dos pais, cena na qual o menino poderia se referenciar na ânsia em saber como seria obter a satisfação sexual pelo pai. Porém, a realização desse desejo não poderia ser manifesto sem a ocorrência de um forte sentimento de pavor, oriundo do medo da castração (FREUD, 1918 [1914]/2010).

A observação do coito parental deu-se precocemente, quando o homem dos lobos tinha um ano e meio de idade. Por apresentar malária, o menino tinha seu leito junto aos pais e ao despertar de uma sesta vespertina presenciou um coito por trás,

onde pode ver os genitais da mãe e o membro do pai. Esta cena, segundo Freud, merece o status de cena primária, na qual o garoto confrontou-se com a realização de seu desejo, ao presenciar a satisfação sexual dos pais (FREUD, 1918 [1914]/2010).

Assim, a relação existente entre o sonho do homem dos lobos e a cena primária se deu pelo fato de, naquela cena, ele ter vivenciado um modelo de satisfação que ele passou a ansiar, no entanto, apareceu no lugar da imagem do coito parental a história dos lobos. Dessa forma, o processo psíquico vai da realização do desejo na cena primordial até sua total recusa, desencadeada pela repressão (FREUD, 1918 [1914]/2010).

Isso se deu porque a observação do ato sexual entre os pais trouxe ao menino a convicção da realidade da castração. O menino identificou-se com a figura do lobo, que fugiu angustiado ao ser lembrado que havia perdido o rabo. Diante disso, o menino adquiriu uma fobia de lobos, que nada mais era do que uma forma de deslocar a angústia frente ao pai (FREUD, 1918 [1914]/2010).

Para Freud, a libido narcísica havia se encarregado da repressão, rebelando-se contra a satisfação que colocou o membro viril do menino em perigo. Nesse sentido, o homem dos lobos pode assumir uma postura frente ao pai menos passiva, confrontando-o na ânsia em ser por ele castigado (FREUD, 1918 [1914]/2010).

Sabe-se que, após essa análise, os sintomas do paciente foram eliminados, não sem antes haver um longo processo no qual foi preciso que Freud estipulasse um tempo preciso para o término da análise, que até então parecia estática. Com a chegada do fim do tratamento, houve uma supressão das resistências vindo à tona fatos que permitiram ao psicanalista compreender a neurose infantil de seu paciente (FREUD, 1918 [1914]/2010).

Contudo, Freud mesmo declarou que é improvável que uma criança com tão pouca idade possa ter a lembrança de uma cena como essa, mesmo que inconscientemente, além do fato de ser difícil a compreensão de todo o processo até torná-lo consciente. Mas, apesar de questionar a validade de seu próprio trabalho, Freud sabia a importância do caso a ponto de defender suas ideias, afinal ele mesmo deixava claro que as cenas trabalhadas em análise não eram reais, mas sim formações de fantasia, que “obtem estímulo da época madura, destinadas a uma certa representação simbólica de desejos e interesses reais, a que devem sua origem a uma tendência regressiva, a um afastamento das tarefas do presente”. (FREUD, 1918 [1914]/2010, p. 68).

Segundo Freud, tais fantasias cumprem a função de escamotear justamente a impossibilidade de compreender o marco que origina tudo o que vem depois, sem nunca ter havido o antes. Assim, surge a *Urphantasien*, termo utilizado por Freud para designar as fantasias originárias (Laplanche, 2001), que se prestam a delimitar o início que, no entanto, não é passível de recordação, dele só se têm acesso ao construí-lo (FREUD, 1918 [1914]/2010).

Tais recordações, antes inconscientes, não precisam sequer ser verdadeiras; podem sê-lo, mas com frequência são distorcidas em relação à verdade, impregnadas de elementos de fantasia, exatamente como as chamadas lembranças encobridoras conservadas de modo espontâneo. Quero dizer que cenas como a de meu paciente, de um período tão antigo e com tal conteúdo, e que possuem tamanha importância para a história do caso, em geral não são reproduzidas como lembranças, mas têm de ser gradual e laboriosamente adivinhadas - construídas - a partir de uma soma de indícios. (FREUD, 1918 [1914]/2010, p. 70 - grifos da autora).

Freud quer dizer que a cena do coito entre os pais foi reconstruída por ele a partir do relato do sonho e das associações do paciente. Quando o psicanalista austríaco disse que somente aos quatro anos o homem dos lobos compreendeu o significado da cena primária, não significa que a cena foi recordada pelo paciente, mas que, “a partir do sonho, a cena ganhou um significado traumático” (GARCIA-ROZA, 2009, p. 158).

Por antes ser incapaz de compreensão, por parte de quem a observava, a cena primordial não foi em si traumática. Porém, esse fato não impossibilitou que a cena se fixasse no inconsciente. Essa fixação vai ser, posteriormente, objeto de reintegração de uma experiência passada em função do desenvolvimento do ser, possibilitando, com isso, a eficácia de uma experiência que até então estava apenas inscrita no inconsciente sem uma significação correspondente (GARCIA-ROZA, 2009, p. 158)

Antes de haver a distinção entre o sistema inconsciente do sistema consciente, experiências de sentido inexistem para a criança, formaram-se no inconsciente e passaram a afetá-la mesmo sem ela ter acesso consciente a este conteúdo. Basta lembrar da importância que o filho tem para os pais que depositam nele seus ideais frustrados e sua própria neurose e o quanto esse cenário da união parental influencia na neurose da própria criança que mal sabe daquilo que a determina (GARCIA-ROZA, 2009, p. 158).

É importante observar que para Freud esse afastamento da realidade, a satisfação substituta na fantasia e a regressão constituem a própria teoria psicanalítica, pois também é no devaneio que a teoria freudiana se sustenta, afinal são fantasias também os conceitos empreendidos por Freud (FREUD, 1918 [1914]/2010).

Dessa forma, as fantasias originárias desempenham um papel estrutural, pois se a cisão psíquica entre consciente e inconsciente se dá por meio da repressão primordial dela só é possível falar a partir de uma construção, pois há um furo de saber onde ela se constitui.

Com isso, a realidade dos fatos narrados pelo paciente perde importância ao passo que na ausência mesmo de saber era possível construir sem as amarras de com a realidade estar ligado, uma vez que esta limitaria o alcance que a criação possibilita. Assim, para a psicanálise e no divã o que conta é a realidade psíquica, que fala de diversas maneiras sobre o indizível.

Não à toa que os conceitos fundamentais da psicanálise são considerados pelo próprio Freud construções teóricas, que como a criação literária, coloca-se a não somente confirmar hipóteses, mas de antecipar a vida real, uma vez que a obra literária serve de instrumento de pesquisa, capaz de transmitir uma verdade sobre aquilo que se observa.

Assim, é possível afirmar que, no caso do homem dos lobos, o coito entre os pais tratava-se de uma fantasia originária, que mesmo não sendo real, desempenhava um importante papel (FREUD, 1918 [1914]/2010). Em relação a isso, Freud pontuou:

Eu mesmo gostaria de saber se a cena primária de meu paciente era fantasia ou vivência real, mas, considerando outros casos análogos, é preciso dizer que na verdade não tem mais importância responder a isso. As cenas de observação do ato sexual entre os pais, de sedução na infância e de ameaça de castração são indubitavelmente patrimônio herdado, herança filogenética, mas podem também ser aquisição da vivência individual. (FREUD, 1918 [1914]/2010, pp. 129-130).

[...] a criança recorre a essa vivência filogenética quando sua própria vivência não basta. Ela preenche as lacunas da verdade individual com verdade pré-histórica, põe a experiência dos ancestrais no lugar da própria experiência. (FREUD, 1918 [1914]/2010, p. 130).

Ao falar da herança filogenética, Freud tentou explicar o conteúdo de tais fantasias repetirem-se em casos de pacientes distintos. Aqui é necessário recordar que o médico vienense já havia utilizado dessa explicação para fundamentar a

universalidade do Édipo. Assim, com a tragédia, Freud anunciava um início cujo cerne é controverso e que, talvez por isso mesmo, aponte a verdade dos homens. Uma verdade, porém, passível de ser conhecida somente por meio de uma narração mítica (PORGE, 2009).

É assim que nasce *Totem e Tabu* em 1913, texto em que Freud parte de uma narrativa mítica para explicar a origem da civilização, marcando com isso a impossibilidade de localizar o ato fundante em um simples fato histórico, pois a origem é dada a posteriori e em seu lugar só se pode haver uma construção teórica-mítica, cujo objetivo é dar um certo sentido a um enigma.

Dessa forma, a partir do mito do pai da horda primeva, Freud acolheu em sua teoria um não saber, que possibilitou com que a psicanálise se colocasse em um outro lugar, não com o objetivo de fazer enunciados a partir do saber, mas a partir da falta. Assim, o mito na obra freudiana aparece como uma fórmula discursiva a tudo aquilo cuja definição está para além da verdade, ou seja, o mito aparece exatamente no lugar onde a verdade já não pode mais dar conta dela mesma, marcando com isso sua própria impossibilidade (PORGE, 2009).

E da mesma forma com a qual o psicanalista austríaco acolheu a falta para construir sua metapsicologia e compreender os sintomas neuróticos, passou também a conferir estrutura semelhante a outros predicados da vida humana, uma vez que os laços que unem os homens em sociedade são constituídos a partir da mesma ignorância que os levam a neurose.

O mito freudiano narra a história de um bando submetido ao poder de um patriarca que detém o poder sobre os demais, impossibilitando-os de satisfazerem-se sexualmente. A revolta do bando culminou com o assassinato do déspota. Porém, a morte do representante paterno não pôs fim a tensão presente na horda e os assassinos passaram a sentir a falta do patriarca frente ao desamparo. A única solução encontrada foi a restauração do poder simbólico do pai por meio da instituição do tabu do incesto e do totemismo (FREUD, 1913/2012).

O pai morto tornou-se muito mais poderoso do que era em vida, possibilitando a renúncia dos prazeres. Com isso, os irmãos criaram os preceitos fundamentais do totemismo que, não por acaso, são equivalentes aos desejos reprimidos do complexo de Édipo: o parricídio e o incesto. Assim, o tabu dos primitivos não está tão longe da civilização moderna como se imaginava. Tanto o obsessivo quanto o homem primitivo

seguem tabus desprovidos de motivação, cuja origem é enigmática, mas são rigorosamente cumpridas devido ao medo do castigo (FREUD, 1913/2012).

Com isso, pode-se observar que, apesar de grandes progressos na dominação da natureza e avanços científicos e tecnológicos, as relações humanas continuam tão conflituosas quanto antes. Por esta razão, o mito freudiano é universal sem compromisso com a verdade, ele é descrito como um ato fundador, em que o antes não existia. Segundo Freud (1910b/2015), o mito é instaurado para explicar algo da ordem do inapreensível e apesar de fictício é por meio dele que se pode alcançar a verdade:

Enquanto o povo era pequeno e fraco, não se pensava em escrever sua história; preparava-se a terra do país, defendia-se a existência contra os vizinhos, procurava-se conquistar um país e começar a enriquecer. Era uma época heroica e não-histórica. Então começou uma outra época, na qual começou-se a refletir, a se sentir ricos e poderosos, *surgindo então a necessidade de saber de onde se chegou até aqui e como isso aconteceu*. [...] a historiografia [...] lançou o olhar para trás, para o passado, reuniu tradições e sagas, interpretou os primitivos [...] *foi inevitável que essa história tenha sido, antes de tudo, mais uma expressão das ideias e desejos do presente do que uma reprodução do passado* [...]. (FREUD, 1910b/2015, p. 96 - grifos da autora).

Ainda sobre a história fictícia no qual se assenta a civilização, Freud acrescenta que:

Apesar de todas as distorções e equívocos, a realidade do passado está inteiramente representada nelas; *elas são aquilo que formou um povo*, a partir das vivências nos tempos primitivos *sob os domínios de motivos inicialmente poderosos e com efeito ainda hoje* [...]. (FREUD, 1910b/2015, p. 97b - grifos da autora).

Dessa forma, Freud expressa o quanto o mito e as fantasias se colocam a serviço de enunciar no presente, traços distorcidos do passado tanto no que concerne o indivíduo, quanto no que concerne os povos em comunhão. Uma vez que ambos se entrelaçam, no instante em que o homem passa a repetir, de maneira simplificada, o processo do desenvolvimento da humanidade (FREUD, 1910b/2015).

Há, portanto, no coração de uma civilização contratual moderna algo de primitivo, não racional que, no entanto, gere a vida humana, tal como a fantasia que cada um cria para si. Assim, a construção empregada por Freud na análise do homem dos lobos não difere da estrutura do mito, afinal defendia o médico vienense que a

base dos processos psíquicos dos indivíduos é análoga às estruturas que dão ensejo ao laço social, o que se refere ao todo diz também respeito a cada um (FREUD, 1921/2011).

Tanto a fantasia, quanto o mito, estão enraizados em crenças que mobilizam a civilização na busca de algo que pouco se sabe, mas não se questiona a veracidade e a importância. É exatamente onde não se sabe que a crença em uma verdade surge para dar conta de uma realidade, que escapa, que não encontra na linguagem uma palavra capaz de lhe definir e mesmo que se usassem todas as palavras existentes, de todas as línguas conhecidas, ainda assim, não seria possível definir esse algo que encontra uma presença na ausência.

Haveria, portanto, para Freud uma pré-história que estaria vinculada diretamente a criação da fantasia originária, uma pré-história que os homens não têm acesso, a não ser por meio do mito. Mito e fantasia coadunam na obra freudiana e desempenham um papel de extrema relevância, colocando-se a serviço de explicar, ou melhor, contornar o enigma da origem. Desse modo, Freud passa da individualidade dos casos a uma tentativa de universalizar o que se repetia nas queixas de seus pacientes.

Sendo assim, mito e fantasia passam a representar um importante elemento no desenvolvimento psíquico do homem moderno, em que a fantasia deixa de figurar como simples resposta a uma universalidade que a clínica anunciava, para estar presente na base da própria estrutura neurótica, mostrando-se essencial ao funcionamento do aparelho psíquico.

A partir disso, entende-se que o irreal tem primazia sobre a realidade e o homem carrega consigo o registro de sua origem somente a partir da construção de um mito, que apesar de marcar o início, só pode ser prescrito a posteriori. Assim, a fantasia é criada para solucionar um conflito e é através dela que os homens terão acesso ao mundo, recobrando a realidade que o circunda.

Dessa forma, a fantasia originária aparece como possibilidade de apreender um começo marcado por sua própria indefinição. Uma origem que se presta a denunciar a renúncia do incesto pelo temor da castração.

Frente a ameaça da perda do membro, o homem dos lobos quis proteger-se do confronto com sua própria divisão, e pela repressão negou sua bissexualidade em relação aos pais, ao mesmo tempo em que com eles se identificava.

Para Freud, a condição para o Eu abandonar um objeto é por meio da identificação. Acrescenta o psicanalista que o Eu é um precipitado dos investimentos objetais abandonados, tal como o animal totêmico quando devorado concede suas características ao seu devorador. Assim, o Eu assume os traços do objeto abandonado e a partir disso passa a se oferecer ao Id como objeto de amor: “Veja, você pode amar a mim também, eu sou tão semelhante ao objeto” (FREUD, 1923^a/2011, p. 37).

A identificação tem sua importância porque ela é a forma mais primordial de ligação afetiva a um objeto (FREUD, 1921/2011). E o objeto, marcado pela ausência, é o que colocará o neurótico em movimento na ânsia em recuperá-lo. A fantasia é o que permite a satisfação da libido, que por seus meios tampona a ausência do objeto e traz algum conforto aos que tentam fugir de sua origem. Mas, assim como Édipo não pode escapar da verdade que o constituía, cabe a cada um o confronto com sua verdade.

No homem dos lobos, as várias lembranças encobridoras se relacionavam a cena primordial, que o identificavam tanto com o pai ao possuir a mãe, quanto com sua mãe ao ser possuída pelo pai. (FREUD, 1918 [1914]/2010). Freud (1923a/2011) deixa claro em *O Eu e o Isso* que os sentimentos ambivalentes em relação aos pais referem-se a identificação e a bissexualidade.

Assim, além da questão com o objeto, há uma questão que atine ao ser, constituído pela falta, velada pela fantasia, a fim de dar consistência ali onde ela não existe. A fantasia entra em cena como uma resposta possível àquilo que faz falta, como se fosse uma espécie de janela pela qual se tem acesso ao mundo. Dessa maneira, cada um apreende a realidade emoldurada pelas lentes da fantasia, que dá forma ao que é irrepresentável (TYSZLER, 2014).

Esse fato fica ainda mais evidente no fim da análise do homem dos lobos ao relatar a Freud que para ele o mundo era oculto por um véu, que se rompia toda vez que suas fezes passavam pelo ânus, podendo então ver o mundo claramente. A respeito de véu, o homem dos lobos recorda-se que nascera com uma “pelica” e isso o fazia acreditar na sua indestrutibilidade até adoecer de uma infecção gonorréica, que representou para ele uma quebra narcísica (FREUD, 1918 [1914]/2010).

O véu que encobria seu mundo era uma fantasia de fuga do mundo, em que ele voltava para o ventre materno e renascia por meio da evacuação, tal como concluído nas pesquisas sexuais infantis, obtendo por fim a cura para sua moléstia.

Ademais, havia nessa fantasia uma estreita ligação com a satisfação sexual por um homem, uma vez que o nascimento só seria possível somente se um homem lhe aplicasse o clister, que passou a ocupar o lugar do acasalamento. (FREUD, 1918 [1914]/2010). Assim, para Freud:

A fantasia de renascimento se acha, então, estreitamente ligada à condição da satisfação sexual pelo homem. [...] apenas se ele puder substituir a mulher, tomar o lugar da mãe, para se deixar satisfazer pelo pai e lhe gerar um filho, a sua doença o abandona. Portanto, a fantasia de renascimento era apenas a reprodução mutilada, censurada, da fantasia-desejo homossexual.” (FREUD, 1918 [1914]/2010, p. 134).

Dessa forma, o homem dos lobos continuava fixado a cena primária que se tornou decisiva para a sua vida sexual, causando sua doença ao ser revivida no sonho dos lobos. Freud foi categórico ao afirmar: “fui o primeiro, algo que nenhum de meus oponentes assinalou, como o “fantasiar de volta” para a infância, a partir de incitações tardias, e a sexualização retrospectiva da mesma (FREUD, 1918 [1914]/2010, p.137).

A homossexualidade foi evidenciado por Freud, mas também estava presente nesta fantasia de renascimento a união incestuosa com a mãe, pois “se tem como óbvio que é do conflito entre tendências masculinas e femininas, ou seja, da bissexualidade, que provêm a repressão e a formação da neurose.” (FREUD, 1918 [1914]/2010, p.146). Porém, a bissexualidade não estaria sozinha na causação da neurose, a ela soma-se o conflito entre o Eu e a libido (FREUD, 1918 [1914]/2010).

Com a repressão o homem retornaria a um estágio anterior e pagaria por sua capacidade e pelas suas aquisições com a sua neurose. Com a psicanálise seria possível acessar ao que é herdado a partir dos conteúdos adquiridos individualmente, sem a pretensão de conduzir o paciente a uma conduta normal, mas que pelo menos possa “eliminar os obstáculos e aplanar os caminhos, para que os influxos da vida possam obter um desenvolvimento em melhor direção” (FREUD, 1918 [1914]/2010, p. 156).

4 AS FANTASIAS NA CONSTRUÇÃO E AS CONSTRUÇÕES DA FANTASIA

“Sempre me restará amar. Escrever é alguma coisa extremamente forte, mas que pode me trair e me abandonar: posso um dia sentir que já escrevi o que é meu lote neste mundo e que eu devo aprender também a parar. Em escrever eu não tenho nenhuma garantia. Ao passo que amar eu posso até a hora de morrer. Amar não acaba. É como se o mundo estivesse a minha espera. E eu vou ao encontro do que me espera”.
(LISPECTOR, sd).

4.1 A FANTASIA EM BATEM NUMA CRIANÇA E SUA RELAÇÃO COM AS CONSTRUÇÕES EM ANÁLISE

Em 1920, Freud empregou em sua teoria uma grande reviravolta com a introdução do conceito de pulsão de morte. A partir do jogo infantil fort-da, Freud narra a brincadeira de seu neto de um ano e meio que, ao brincar com o carretel, lançava-o ao chão, expressando um forte e prolongado *o-o-o-o-o* e depois o recolhia para perto de si, esboçando com o seu surgimento a expressão *da* [está aqui] (FREUD, 1920/2010).

O repetido jogo era uma maneira da criança elaborar a ausência materna, lançando para longe de si os objetos a sua volta. A ausência materna, no entanto, não poderia ser sentida como prazerosa para o menino, então por que ele a repetia tanto?

Freud entendia que por meio do brincar a criança passa o ocupar uma posição ativa, assim a criança poderia vingar-se de sua mãe que o abandonara. Aqui, Freud faz uma analogia do brincar com as peças teatrais, que atraem o espectador mesmo quando retrata assuntos trágicos, a exemplo de Édipo.

Lembramos ainda que o jogo e a imitação artísticos dos adultos, que, diferentemente do que fazem as crianças, dirigem-se à pessoa do espectador, não poupam a este as mais dolorosas impressões - na tragédia, por exemplo -, e, no entanto, são por ele percebidos como elevada fruição.
(FREUD, 1920/2010, p. 175)

A repetição que Freud acena no brincar está ligada a compulsão à repetição, que coloca em ato o que não se pode lembrar, relacionando-se sempre com a vida sexual infantil reprimida pelo Eu. Assim, a repetição só é possível porque não contraria

o princípio do prazer, sendo desprazer para um sistema ao mesmo tempo em que satisfaz outro (FREUD, 1920/2010).

O “eterno retorno ao mesmo” faz Freud (1920/2010, p. 182) aferir que a compulsão à repetição é algo tão primário, que está para além do princípio do prazer. Dessa forma, os sonhos traumáticos e o brincar da criança não necessariamente representam a realização de um desejo, senão pelo desejo de evocar o que foi reprimido (FREUD, 1920/2010).

Para Freud essa repetição é prazerosa, embora o paciente não a sinta dessa maneira, e manifesta-se a partir das formações do inconsciente. Mas, por que o objeto antes amado passa a ser destinatário de grande hostilidade?

É necessário lembrar que aqueles que foram destinatários dos primeiros investimentos afetivos tiveram que ser abandonados devido a impossibilidade de realizar as pretensões amorosas infantis e, com isso, trouxe um dano à autoestima em forma de ferida narcísica (FREUD, 1920/2010).

Essas experiências não desejadas são repetidas na análise por meio da transferência com o analista, em que o paciente se coloca em um lugar de inferioridade, exigindo obter castigo.

Assim nos permitem vislumbrar uma função do aparelho psíquico, que, sem contrariar o princípio do prazer, é independente dele e parece mais primitiva que a intenção de obter prazer e evitar desprazer (FREUD, 1920/2010. p. 196).

Essa função pertence ao processo primário, que advém do interior do organismo e se transmite ao aparelho psíquico. Para Freud a pulsão seria um impulso, presente em todo organismo que se propõe a restituir um estado anterior que necessitou ser abandonado devido às influências de forças externas (FREUD, 1920/2010).

Esse estado não seria um lugar nunca antes alcançado, mas sim um velho estado inicial e já conhecido que embora, tenha sido abandonado, almeja-se retornar. Assim sendo, o objetivo da vida seria a morte, em que o inanimado esteve presente antes mesmo do que o vivente (FREUD, 1920/2010).

[...] *toda vida instintual serve à realização da morte*. Vista sob essa luz, diminui consideravelmente a importância teórica dos instintos de autoconservação, de poder e de autoafirmação; são instintos parciais, destinados a garantir o curso da morte própria do organismo e manter afastadas as possibilidades

de retorno ao inorgânico que não sejam imanentes, mas é descartado o enigmático empenho do organismo em afirmar-se contra tudo e todos, algo que não se ajusta a nenhum contexto. O que daí resta é que o organismo pretende morrer apenas a seu modo; tais guardiães da vida também foram, originalmente, guarda-costas da morte (FREUD, 1920/2010, pp.205- 206 - grifo da autora).

A pulsão reprimida busca de alguma forma alcançar a completa satisfação, ligada a uma vivência primária prazerosa que é impedida pela repressão, mas nem por isso deixará de exercer pressão, a fim de restaurar a condição primária. Mas considerar a pulsão sexual já não era suficiente, dessa maneira, Freud ampliou este conceito para além do que inclui a função reprodutora (FREUD, 1920/2010).

Também, deixou-se para trás a distinção entre pulsão do Eu e pulsões sexuais, uma vez que o Eu foi considerado reservatório da libido, tomando lugar entre os objetos sexuais. No entanto, a ideia da neurose se assentar num conflito entre pulsões do Eu e pulsões sexuais não foi rejeitada (FREUD, 1920/2010).

O que mudou foi a forma de diferenciá-las que antes era quantitativa e passou a ser topológica, surgindo o que Freud nomeou de pulsão de morte em contraponto à pulsão de vida, a primeira agindo de forma invisível e silenciosa, enquanto a segunda é numerosa e estrondosa. (GARCIA-ROZA, 2008b).

Se a pulsão se faz presente no aparato anímico promovendo e mantendo uniões, conjunções, ela é dita “de vida”; se ela se presentifica no aparato anímico disjuntivamente, “fazendo furo”, então ela é dita “de morte”. Dessa forma, pulsão de vida e pulsão de morte seriam modos de presentificação da pulsão no psiquismo e não qualidades das pulsões elas mesmas (GARCIA-ROZA, 2008b, p. 162).

O que ocorre na teoria psicanalítica com a introdução do conceito da pulsão de morte é a possibilidade de pensar um caos pulsional, contrário a ordem do aparelho psíquico, visando assim o que é destrutivo, possibilitando à emergência de novas formas (GARCIA-ROZA, 2008b, p. 162).

Para falar de pulsão de morte, Freud muitas vezes recorreu a dupla sadismo-masochismo, em que a atividade cede lugar a passividade. Contudo, a passagem da atividade para a passividade implica também numa mudança de objeto, em que a própria pessoa passa a destinar a si mesmo uma agressividade que antes sofria do outro (GARCIA-ROZA, 2008b).

Em um período sádico, acontecia da violência ser empregada contra uma outra pessoa, com a inversão sadismo-masiquismo, ocorre que o objeto é substituído pela própria pessoa e ao invés de exercer o papel ativo, passa a ser passiva ao buscar uma outra pessoa como agente da violência (GARCIA-ROZA, 2008b).

De fato, desde os *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Freud (1905/2016) preocupou-se em distinguir masiquismo e sadismo a fim de estabelecer qual serviria de base ao outro. Em *O problema econômico do masiquismo*, Freud (1924a/2011) afirmou que o sadismo original seria idêntico ao masiquismo.

Segundo o médico vienense quando uma parcela do sadismo original é direcionada a um objeto externo parte da pulsão de morte permaneceria dentro do organismo, o que equivaleria ao masiquismo erógeno ou original que, ao mesmo tempo, tornou-se um componente da libido, além de tomar o próprio corpo como objeto (FREUD, 1924a/2011).

O masiquismo original advém de uma fixação libidinal entre dor e prazer, assim, todo masiquista almeja ser tratado como uma criança indefesa e dependente que, sobretudo, é desobediente e má. Assim, foi escrito em 1919 o texto *Batem numa criança* em que Freud se propõe a discutir sobre a parte estrutural da fantasia, uma vez que para ele ficava claro a existência de uma parte visível da fantasia, mas o que dizer sobre seu lado obscuro?

Freud chegou a essa questão ao se deparar na clínica com o relato frequente de seus pacientes adultos de uma fantasia em que uma criança é espancada, fato este gerador de forte satisfação, mas que ao ser confessado transformava-se em sentimento de vergonha e culpa (FREUD, 1919a/2010).

É muito provável que tais fantasias surgiram na época da escola, quando a criança se deparou com um adulto, o professor, batendo em outras crianças, alunos. Tais cenas de castigo físico nos tempos de colégio puderam despertar na criança que as observavam um sentimento ambíguo entre excitação e repulsa, em que cenas reais de castigo eram intoleráveis (FREUD, 1919a/2010).

Segundo Freud, não necessariamente essa fantasia estava relacionada à uma educação severa na infância, mas certamente, cada criança vive em certo momento a superioridade física que um adulto exerce sobre ela e que de fato pode estar relacionada à um traço primário de perversão, que na vida adulta sucumbiu à repressão (FREUD, 1919a/2010).

Recorrendo-se à clínica, Freud observou que uma intensa satisfação acompanhava aqueles que em análise revelavam a fantasia em que crianças eram espancadas por um adulto. E nada simples era acompanhar o desenvolvimento de tal fantasia (FREUD, 1919a/2010).

Ao restringir-se à análise de pessoas do sexo feminino, Freud constatou, como sendo a primeira fase das fantasias de surra das meninas em remota infância, uma cena em que uma criança é surrada por um adulto, reconhecido como o pai da menina que fantasia (FREUD, 1919a/2010).

Freud denominou essa etapa como “Meu pai bate numa criança” (1919a/2010, p. 227), que é odiada pela criança que fantasia. A menina por estar ligada afetuosamente ao pai sentirá ódio a quem servir de concorrência na luta pelo amor paterno. Não é raro que a criança espancada seja um irmão menor com quem tem que dividir a atenção dos pais. Assim, a fantasia de espancamento é agradável e pode ser traduzida como “Meu pai não ama esse outro, ama somente a mim”. (FREUD, 1919a/2010, p. 230).

A partir dessa escolha de objeto incestuoso, a vida sexual da criança atingia o estágio da organização genital. Porém, tal escolha não pode fugir a repressão, seja pela impossibilidade da cultura que rechaça tal ato ou porque a criança atingiu uma nova fase de seu desenvolvimento. O importante é saber que o investimento incestuoso é repellido pela consciência, no entanto, em seu lugar instaura-se um sentimento de culpa de origem desconhecida (FREUD, 1919a/2010).

Eis que a fase seguida é iniciada. Agora a criança que é espancada é a própria que fantasia. Nessa inversão em que ela passa a ser agredida pelo pai, expressa-se de maneira clara o seu sentimento de culpa somada a uma forte carga libidinal. De caráter masoquista, essa fase é conhecida como “Sou castigada pelo meu pai” (FREUD, 1919a/2010, p. 228).

A essa fase que talvez seja a mais problemática e a mais importante, Freud dá a seguinte explicação:

Ser golpeado é agora uma convergência de consciência de culpa e erotismo; é não só o castigo pela relação genital proibida, mas também o substituto regressivo para ela, e desta última fonte retira a excitação libidinal que a partir de então estará unida a ele e que achará desafogo em atos masturbatórios. Essa é, enfim, a essência do masoquismo (FREUD, 1919a/2010, p. 231).

Dessa forma, a fantasia de ser surrado pelo pai diz respeito ao objeto e à libido que dão forma a segunda fase da fantasia de surrimento o caráter masoquista, uma vez que é o masoquismo erógeno que participa de todas as fases evolutivas da libido (FREUD, 1924a/2011).

Freud apresentou três formas do masoquismo: erógeno, feminino e moral, caracterizados pelo sentimento de dor, pela culpa e pelas fantasias sexuais masculinas, respectivamente (FREUD, 1924a/2011).

No masoquismo feminino é comum que a fantasia em questão esteja relacionada com a castração, ou ser objeto de coito, ou ainda dar à luz. É certo que há uma sobreposição do infantil e do feminino, onde também se delineia um sentimento de culpa, que por “trás escondem uma conexão com a masturbação infantil” (FREUD, 1924a/2011, p. 108).

Fica evidente, no segundo tempo da análise de *Batem numa criança* a relação da cena de surrimento com a masturbação infantil. Desse modo, Freud apontou que entre a dor e as pulsões sexuais existe uma forte ligação:

[...] temos de supor que também as excitações derivadas da dor e do desprazer deveriam se acrescentar à excitação das pulsões sexuais. Também supomos que, no caso da tensão gerada pela dor e pelo desprazer, essa solidariedade excitatória libidinosa seria um mecanismo fisiológico infantil que mais se selaria (FREUD, 1924^a/2011, p. 109).

É sobre essa base fisiológica que o masoquismo erógeno se forma. E não haveria como falar de masoquismo original sem falar do sadismo. Para tanto, Freud volta a recorrer a pulsão de morte, que por meio da libido, seria desviada de sua meta original, de conduzir o organismo ao estado inanimado, sendo conduzida ao meio externo. Porém, uma parcela da pulsão seria posta a serviço da função sexual, constituindo assim o sadismo propriamente dito (FREUD, 1924a/2011, p. 109).

Do masoquismo, chega-se a terceira fase da fantasia de *Batem numa criança*, que assim como a primeira, é consciente e tem caráter sádico. Nela o agressor não é reconhecido ou é indicado como um substituto paterno, como o professor. A própria criança não participa da cena, apenas observa outras crianças, no plural, serem castigadas. De fato, as crianças observadas nada mais são do que substitutas da própria criança que fantasia (FREUD, 1919^a/2010).

Neste ponto, percebe-se o quanto as pulsões de vida e morte coadunam, a ponto de Freud afirmar que o sadismo originário seria idêntico ao masoquismo, isto é,

que o masoquismo é uma reversão do sadismo para o próprio Eu (FREUD, 1920/2010).

Diríamos, então, que após a parcela principal do sadismo original ter sido transposta para fora em direção aos objetos, um resíduo interno teria permanecido, e seria este o masoquismo propriamente dito, isto é o masoquismo erógeno. Este, por um lado, teria, então, tornado-se um componente da libido e, por outro, tomaria como resquício da antiga fase de formação tão essencial para a vida, em que houve um amálgama [*Legierung*] entre pulsão de morte e Eros. (FREUD, 1924a/2011, p. 110).

O masoquismo erógeno seria, então, uma parcela da pulsão de morte que não participou dessa transposição, ou seja, estaria ainda dentro do organismo e ali se fixado (FREUD, 1924^a/2011, p. 109). Assim, o masoquismo tem importante papel na formação e evolução da libido. E como a libido se realiza por meio da fantasia, Freud colocou o masoquismo como cerne no segundo tempo de fantasia de *Batem numa criança*.

É necessário lembrar ainda que a terceira forma de masoquismo moral é responsável pela consciência de culpa, gerada pela tensão entre Eu e as exigências do Supereu. Assim, o Eu busca ser castigado pelo Supereu ou pelos próprios pais, como no caso do segundo tempo da fantasia de surrimento, que traz em seu bojo o desejo de ter com o pai uma relação sexual passiva, que nada mais é do que uma distorção regressiva da primeira. (FREUD, 1924a/2011).

O que se quer dizer é que a fantasia serve como mediador que articula às exigências culturais com a satisfação masturbatória (MILLER, 2007), ou seja, como a consciência moral é o herdeiro do complexo de Édipo, por meio do masoquismo moral, o complexo de Édipo será reavivado, fazendo com que a pessoa aja em busca de castigo. Dessa forma, o masoquismo moral revela o caráter de uma fusão pulsional, que, se por um lado, manifesta sua destrutividade, por outro, revela um componente erótico, resultando sempre uma satisfação libidinal (FREUD, 1924a/2011).

Frente a isso, Freud concluiu que o segundo tempo da fantasia de *Batem numa criança* não tem um caráter real, de forma que a experiência como tal nunca aparecerá e de modo algum tornar-se-á consciente. Assim, essa fantasia não é um tempo a ser rememorado e interpretado, mas somente construído em análise (MILLER, 2007).

Porém, apesar de não existir efetivamente, uma vez que ela não está ligada a uma lembrança e sequer chegou a se tornar consciente, essa fase talvez seja a mais problemática e a mais importante. Seu acesso se dá por meio de uma construção que irá surgir de pequenas pistas que não são reveladas por completo, e ficarão a cargo da direção do tratamento (TYSZLER, 2014).

Esse tempo corresponde ao *Urvedrängung*, cujo significado refere-se a algo do reprimido que nunca viria à luz. Freud assinala isso em *Inibição, Sintoma e Angústia*, ao afirmar que há uma representação originária da qual não se alcança, nunca será alcançada e mesmo sem saber muito dela sempre haverá algo a se dizer, daí sua relação com a repressão primordial (MILLER, 2007).

É só a partir disso que se produzirão verdades e mentiras, isso porque, antes delas não há nada. *Batem numa criança* é uma criação absoluta sem motivação anterior, mas que em si mesma marca o começo absoluto (MILLER, 2007).

Freud, porém, explicita casos em que tal fantasia tornou-se consciente em pacientes homens. Disse ele que tais homens se lembravam de masturbarem-se a partir da ideia de serem surrados pela própria mãe, mas que depois eram substituídas pelas mães dos colegas de escola (FREUD, 1919a/2010).

Mas na realidade, a fantasia de espancamento é tão somente um precipitado do complexo de Édipo. Assim, a fantasia de surra deriva da ligação incestuosa com os pais e, embora os neuróticos façam da masturbação o ponto central da consciência de culpa, ela diz respeito a um tempo imemorial, mas construído no tratamento analítico.

Em *Construções em Análise* (1937a/1996) Freud declarou que a relação transferencial é o que possibilita o trabalho analítico, pois é nesta vivência que afetos remanescentes de circunstâncias passadas poderão ser reatualizadas a partir da relação entre o analista e o analisando. O que se quer com isso é que, por meio das emoções, tem-se acesso ao conteúdo reprimido, mas se o conteúdo do qual se trata uma análise é justamente a falta? Um conteúdo vazio, que nunca existiu?

Eis a tarefa do analista: “a de completar aquilo que foi esquecido a partir dos traços que deixou atrás de si ou, mais corretamente, construí-lo.” (FREUD, 1937^a/1996, p. 166), uma vez que, o analisando, de seu esquecimento alimenta seus sintomas e inibições (FREUD, 1937a/1996).

Em um primeiro momento, mais precisamente na catarse de Breuer, o foco estava na formação do sintoma e o objetivo era que se reproduzissem os processos

psíquicos da situação do trauma para que houvesse uma descarga em seguida. Recordar e ad-reagir eram os objetivos do tratamento (FREUD, 1914c/2010, p. 147).

Logo após a rejeição da hipnose, passou a fazer parte do trabalho de Freud, a livre associação, sendo de suma importância os fatos em que o paciente não conseguia recordar. Essa resistência seria contornada pelo trabalho de interpretação, ainda com o foco nas situações em que se tinham formado o sintoma (FREUD, 1914c/2010, p. 147).

Porém, ainda houve um terceiro momento, em que o papel do analista não mais era de destacar o fator inconsciente causa do sintoma, mas estudar a superfície psíquica apresentado pelo paciente, utilizando-se da interpretação para reconhecer as resistências e torná-las conscientes. Para Freud, essa nova técnica pode ser resumida como: “Em termos descritivos: preenchimento das lacunas da recordação (FREUD, 1914c/2010, p. 147).

Assim, cabe ao analista seguir com o paciente um processo onde muitas certezas serão questionadas e, daquilo que permanece, convidá-lo a construir algo que lhe é próprio, sem as amarras que o prendiam anteriormente e o faziam ligar-se à sintomas, por temer os efeitos de seguir aquilo que o desejo aponta.

Freud em *Construções em análise* (1937a/1996) fez uma analogia entre o trabalho do analista e do arqueólogo. Para ele, o trabalho de ambos é a construção, e por isso os processos são tão idênticos. Porém, o analista trabalha em melhores condições por possuir mais materiais a sua disposição.

Por um lado, o arqueólogo ergue as paredes de um prédio a partir dos escombros, determinando a posição das colunas e reconstruindo a decoração das paredes e dos murais a partir dos restos encontrados, o analista, por outro lado, também opera uma reconstrução a partir do material que o paciente lhe apresenta (FREUD, 1937a/1996).

Em *Recordar, repetir e elaborar*, Freud (1914c/2010), afirmou que o paciente atua na análise o que não pode lembrar, demonstrando ali como se fosse um palco aberto em que pode mostrar o que na vida cotidiana precisaria ocultar. A repetição é o seu modo de recordar, mas essa encenação do sintoma é artificial, mas que também faz parte da vida real da pessoa, torna o conteúdo inconsciente mais acessível ao trabalho analítico.

Porém, isso não significa que uma construção será feita em sua totalidade para uma outra fase se iniciar. Enquanto o arqueólogo visa a reconstrução, para o

analista, a reconstrução é apenas um trabalho preliminar, uma vez que os objetos psíquicos são mais complicados por derivarem de pormenores ainda desconhecidos. O analista ao completar um fragmento de construção ao seu paciente, logo, terá como sequência, um novo material a ser construído, e assim por diante (FREUD, 1937a/1996).

Para o médico vienense, fala-se pouco em construções porque muito se diz sobre interpretações, embora, ele mesmo afirme que, de longe, o termo construção é mais adequado (FREUD, 1937a/1996, p. 279). Mas, como o analista pode garantir-se do equívoco de uma construção?

De modo algum uma construção do analista sempre será certa: “cara, eu ganho, coroa você perde” (FREUD, 1937a/1996, p.275). Ninguém está livre de cometer um engano e, muito provavelmente, não acarretará grandes efeitos para o paciente. É sempre necessário aguardar as consequências de uma construção, que se não for desdobrada pouco valor teve (FREUD, 1937a/1996).

É necessário que o analista dê tempo ao paciente para que ele próprio elabore o que lhe for possível sobre aquilo que anteriormente só se manifestava clandestinamente, para que então, ele possa continuar o trabalho, apesar da resistência. Somente no auge da resistência o analista pode, junto com o paciente, saber sobre o que anima essa resistência e a satisfação que há por trás dela, mas isso só é possível respeitando-se o tempo de elaboração de cada um (FREUD, 1914c/2010).

Dessa maneira, tanto o sim, quanto o não do paciente são controversos e pouco dizem da assertividade do que lhe foi comunicado. De fato, sabe-se que uma construção nunca diz tudo e, mesmo quando provoca novas recordações e mais material para ser trabalhado em análise, pode perfeitamente ser apreendida pelo paciente sem muito espanto, como se ele já soubesse daquilo que foi dito pelo analista: “Na verdade, eu sempre soube, apenas não pensava nisso” (FREUD, 1914c/2010, p. 148).

O paciente sente-se desapontado por não alcançar um saber sobre si (FREUD, 1914c/2010). No entanto, apesar da construção não conduzir a uma recordação do que foi reprimido, permite ao paciente adquirir uma convicção da verdade da construção, alcançando, assim, o mesmo resultado terapêutico que uma lembrança rememorada (FREUD, 1937a/1996).

Quando acaba? Não se sabe, como bem Freud (1937b/1996) disse, na sua famosa crítica à teoria que ele próprio criou. Bem como, não se é possível obter garantias, uma vez que o trabalho acontece à medida que o analisando entende que, por trás de sua queixa, há algo que lhe concerne.

Pela fala, constrói-se o que antes era preenchido pelo sintoma. Assim, o analisando engaja-se e transpõe a tragédia que o constitui no divã, dando voz ao que estava oculto, responsabilizando-se pelos ganhos inconsciente em sua dimensão ética. Assim, é pela palavra, com seu caráter de transgressão, que o analisando pode criar e alcançar, tal como o poeta, algo do indizível (DIDIER-WEILL, 1997)

4.2 O QUE SE CONTA DE UM CONTO? FREUD ENTRE O TEÓRICO E O POETA

Para Freud, ao que não se pode dizer acerca daquilo que é essencial, cria-se uma fábula a fim de contornar a estrutura frágil do ser, que escorrega em meio as frestas deixadas pelo caminho que se trilhou, denunciando a precariedade da língua, que falha ao entrar em cena quando o corpo humano já se encontrava marcado por seus efeitos.

Essa anterioridade faz o bebê humano ser portador de uma história pregressa, que o causa mesmo sem seu conhecimento. Aliás, um dos objetivos do adulto neurótico será nomear esse indizível de sua própria origem, que o conduzirá ao fracasso caso tente decifrar o enigma que o constituiu sem abarcar o furo de sua existência.

Freud, pontuou a limitação do saber não somente aos pacientes que ele se ocupava, mas à sua teoria, incluindo em sua própria transmissão um limite que precisava ser contabilizado. Dessa forma, a transmissão da psicanálise só é possível por meio do mito, que estabelece um ponto de partida para a construção de bases teóricas, possibilitando o avanço da teoria (PORGE, 2009).

Não por menos, Freud reconhecia valor de verdade à criação literária, que o impulsionava a escrever seus casos clínicos, a fim de com eles transmitir o saber inconsciente que o punha em movimento. Assim, Freud descobriu que a transmissão do caso analisado se realiza a partir da ficção (PORGE, 2009), ao não se prestar a completar as lacunas deixadas pelo discurso, mas acentuando o lirismo pela qual a psicanálise se fundamenta.

Uma poética capaz de em pouco em pouco contornar as bordas do inenarrável, apontando o vazio que habita o homem comum, expondo-o a um caminho sem volta, pelo menos para Freud, que bancou seu desejo na busca por saber o que não conhecia, embora nitidamente se manifestasse.

Como mestres, Freud elegeu os clássicos, aproximando a psicanálise da criação artística (AZAOURI, 1997), meio pelo qual, o analisando pode construir algo que lhe é próprio, tal como o poeta que se ocupa das mais singelas paisagens para pôr em palavras o amor que o liga ao outro e ao mundo.

Eis que a construção empreendida numa análise só pode ser feita por cada um que a ela se submete, aflorando pelo caminho uma criação própria, tal como aquela empreendida pelos grandes poetas. Assim, faz Tuda, personagem de Clarice Lispector no conto *Gertrudes pede um conselho*, que aos 17 anos espanta-se pelo sono dogmático ao qual esteve imersa e, a seu modo, decide ir de encontro a si mesma.

Quem era ela, eis a questão que afligia Tuda, na ânsia em saber um pouco mais sobre aquilo que lhe causava. O que a insônia, o gosto do bolo que já não a agradava mais e a inquietude acompanhada de uma calma repentina diziam dela? Sentia que não podia ser tudo o que ansiava, preocupações das mais banais interrompiam-na em suas elaborações mais grandiosas. Era o que era, dificilmente poderia ser outra.

Tuda, presa em seu martírio, não via outra saída, buscava conselhos de quem acreditava possuir as respostas às questões que a inquietavam. Como afirma, Bataille: Tuda “exprime a busca de todo falante: descobrir aquilo que sustenta a multiplicidade proteiforme e inapreensível de sua pessoa social” (BATAILLE, 1988, p. 16)

Em busca de sua verdade, Tuda procura “A Doutora”, delineada no conto de Clarice como uma mulher, meio escritora, meio conselheira, que divaga sobre assuntos diversos, atraindo a jovem moça em longas conversas imaginárias sobre a vida, sobre tudo. Assim, Tuda não sentia-se mais só, pois buscava na figura da doutora um saber sobre todas as coisas que a acometiam a alma e a fazia sofrer e, como se não bastasse a complexidade de sua agonia, buscava também entender por que alegrava-se em meio a tragédia que ela mesma inventava.

Buscava ali encontrar o sentido da direção que não pode compreender no tempo em que ainda sequer existia. Tuda, certamente não sabia que os sons

enigmáticos que provinham daqueles que a cercavam quando de si havia somente reflexos desordenados, marcaram sua existência a tal ponto de, mesmo sem entender a direção do caminho que a conduziram neste tempo imemorial, seguir sistematicamente rumo ao sentido apontado pela bússola que lhe fora herdada, e que mesmo distorcida, descalibrada, apontava-lhe um norte.

Retornando a um importante texto de 1907, Freud utilizou-se do estudo de uma obra literária para inaugurar uma sequência de artigos sobre a fantasia na obra psicanalítica. Dessa forma, Freud (1907/2015) analisou o caminho percorrido pelo jovem arqueólogo Norbet Hanold, protagonista do romance *Gradiva* de Wilhelm Jensen, escrito em 1903, que, assim como Tuda, encorajou-se a buscar respostas por caminhos que o convidam a ir sempre um pouco mais além.

Na obra, Norbet se apaixona por *Gradiva*, uma imagem de uma jovem mulher caminhando com os pés a mostra, réplica de uma coleção de antiguidades. Fantasias das mais diversas passaram a acompanhar Norbet pelas longas horas do dia, até que um derradeiro sonho o tomou de certeza sobre o destino de *Gradiva* (FREUD, 1907/2015).

No seu sonho, Norbet foi testemunha da destruição da cidade de Pompéia, cenário em que *Gradiva* tinha sua figura recoberta de cinzas. Depois disso, o jovem arqueólogo passou a ter certeza que aquela mulher havia sido soterrada em Pompéia 79 d. C, tal como seu sonho anunciara (FREUD, 1907/2015).

Avistando de sua janela um canário, sentiu-se tão preso quanto o animal enjaulado e desejando libertar-se, foi até Pompéia em busca de respostas ao que lhe afligia. Porém, mesmo em terras distantes, Norbet não deixou de se angustiar. O vazio ainda estava presente e, neste instante, ele e Tuda ainda estavam preocupados em preencher os buracos de suas próprias histórias.

Sabe-se, no entanto, que o sentido da vida e da morte está fadado a permanecer enigmático, e segundo Bataille é “contra a qual perguntas e respostas são lançadas incessantemente” (1987, p. 69), sendo capazes de representarem “este ponto pelo qual o ser foge nas profundezas, em parte perdido, em parte se perdendo sempre; que se perde cada vez mais, como a corda atraída pela âncora escorrega sob a água”. (BATAILLE, 1987, p. 69).

Os jovens protagonistas buscavam de algum modo um fundamento ao que lhes faltavam, seja pela doutora, no caso de Tuda, ou com a arqueológica, no caso de

Norbet. Mas, a decepção era iminente, uma vez que tornar-se autor de suas próprias escolhas não torna alguém mais completo. (KELH, 2002).

E disso, Tuda já sabia, tanto que ao chegar no consultório da doutora pode sentir que necessitava de algo muito maior, imensamente maior do que pensava ser no início. Mas de que início se trata afinal? Seria o início marcado pela tomada de consciência que levou a jovem Tuda despertar de seu sono dogmático? Um início marcado pelo que já se era, mesmo sem a ele ter acesso? Como poderia Tuda construir respostas ao que se deu no início tendo já se passado tanto tempo? Quanto já não se havia sido feito e quanto ainda era necessário fazer e refazer? Como transformar o que foi dado a Tuda em algo que é propriamente dela?

Mal sabia Tuda que aquela conversa era apenas o começo, talvez o primeiro passo rumo à concretude de que necessitava para dar forma a sua vontade de ir adiante. Certamente, atraía-lhe na doutora sua maneira de pensar o mundo, respeitando a singularidade de cada um. Mas, via um descompasso entre a fala e os atos da doutora, que se assemelhava a sua própria inconcretude, ao buscar no engano o que queria saber.

De alguma maneira Tuda sabia o que esperar da doutora, mas mesmo sabendo, algo em sua fala lhe parecia assustadoramente estranho:

Olhe, Tuda, o que me agradaria dizer-lhe é que você um dia terá o que agora procura tão confusamente. É uma espécie de calma que vem do conhecimento de si própria e dos outros. Mas não se pode apressar a vinda desse estado. Há coisas que se aprende quando ninguém as ensina. E com a vida é assim. Mesmo há mais beleza em descobri-la sozinha, apesar do sofrimento (LISPECTOR, 2016, p. 120).

Mesmo decepcionada, Tuda foi tocada naquilo que Freud tanto preocupou-se em transmitir, pois mais do que o acesso à verdade de cada um, a psicanálise busca alcançar um saber inédito, um saber inconsciente (PORGE, 2009). Assim, estava Tuda tocada pela estranheza de um saber não sabido, que a acometia em direção a um caminho sem volta.

Norbet, por sua vez, também não pode se assegurar no saber científico no qual ele procurava se esconder. Vagueando pela cidade de Pompéia, jovem cientista começou a cogitar sua vida sem apelo à ciência. Talvez possa-se aludir que Norbet experienciava o sentimento do mundo em suas mãos, e que o discurso da ciência não era capaz de abarcar certas coisas que não são da ordem do pensamento lógico, da

gramática, da aritmética. São da ordem do inexplicável, cujo sentido escapa toda vez que se busca apreendê-lo (FREUD, 1907/2015).

É exatamente neste momento que Norbet avista pela primeira vez Gradiva. Neste instante, Norbet depara-se com a figura de Gradiva, tal como em seu sonho. Aqui, o autor confunde seus leitores, que se veem espantados frente a possibilidade do protagonista ter sido acometido pela loucura. Logo mais, percebe-se que a Gradiva, na realidade, não passa de uma jovem alemã. Norbet, no entanto, demora a perceber, pois sua fantasia o levava a supor que Gradiva retornara das cinzas para satisfazer suas vontades. (FREUD, 1907/2015).

Gradiva apareceu diante de Norbet e este, fascinado pela imagem real da mulher que antes vivia apenas em suas fantasias, demandou a ela que se deitasse nos degraus do templo, como a via em seu sonho. Porém, ela, assustada com o atrevimento do jovem rapaz, deixa-o sozinho novamente ao desaparecer entre as colunas, tão repentinamente que ele não pode saber para onde ela ia (FREUD, 1907/2015).

No dia seguinte, na ânsia em revê-la, Norbet decide esperá-la no mesmo lugar e, antes mesmo que pudesse temer sua ausência, Gradiva surgiu magicamente, como no dia anterior. Desta vez, ela dirigiu-se a ele, e apresentando-se como Zoé, seu verdadeiro nome, queria saber o que tinha levado ela agir de maneira tão descabida.

Norbet, embriagado pelo encontro, explicou seu sonho e sua busca aflita por encontrar uma resposta ao que sentia, ao passo que ela, aceitou prontamente viver a personagem que ele lhe outorgava, ajustando-se ao seu delírio. Assim, ele passou a acreditar que, de fato, nela havia respostas ao que ele tanto buscava, embora ainda não soubesse nem mesmo das perguntas que o motivavam a continuar (FREUD, 1907/2015).

É difícil dizer se Norbet realmente acreditava ser aquela mulher a mesma de seus sonhos. Mas, certamente a crença dela vir de 79 d. C. ao seu encontro poderia ser na verdade a única possibilidade de cura do jovem arqueólogo, pois é necessário lembrar que para Freud (1937a) os delírios dos pacientes são análogos às construções feitas em análise, embora que, sob as condições da psicose, o delírio substitui um fragmento de realidade que foi rejeitada no passado, enquanto a construção recupera um fragmento da experiência perdida.

No caso de Norbet tratar-se-ia então de um delírio ou uma construção da qual Gradiva tem um papel fundamental?

Em Tuda, percebeu-se que o que a afligia, em sua mocidade, dizia algo sobre o desejo de saber, encoberto em sua demanda direcionada a um outro, à qual acreditava possuir as respostas para suas questões. Eis que o caminho da fantasia é traçado, uma vez que Tuda ainda muito deverá percorrer até perceber que deste caminho só é possível dizer poeticamente.

A doutora do conto de Clarice, mesmo sem saber, ocupou um lugar de importância na vida da jovem Tuda. O que de fato ela sabia da vida, pouco se pode dizer, mas certamente com suas palavras incongruentes pode transmitir algo da ordem de um saber inconsciente, tal como o analista, que não poderia causar outra coisa que não enorme espanto e também uma grande frustração.

Continuava Tuda sem saber, mas depois da consulta com a tal doutora algo nela mudara:

Percebeu-lhe que depois de ter vivido aquela tarde, não poderia continuar a mesma, estudando, indo ao cinema, passeando com as amiguinhas, simplesmente... Distanciara-se de todos, mesmo da antiga Tuda...Alguma coisa se desenrolara nela, a sua própria personalidade que se afirmara com certeza de que no mundo havia correspondência para ela...Surpreendera-se: podia-se então falar no..."aquilo" como de algo palpável, na sua insatisfação que ela escondera com vergonha e medo...Agora...*Alguém tocara levemente nas névoas misteriosas de que vivia há algum tempo e de repente elas se solidificaram, formavam um bloco, existiam. Faltaram-lhe até o momento quem a reconhecesse, para ela própria reconhecer-se...Transformava-se tudo! Como? Não sabia...*(Lispector, 2016, p. 123 - grifos da autora).

Estava Tuda diante de si mesma, com um mundo de possibilidades a seu dispor. Soube, neste instante, que não seria a doutora quem lhe indicaria o caminho, nunca foi afinal, mas pensou que pudesse encontrar no outro o que lhe faltava e que só poderia ter acesso nos seus devaneios de menina.

Norbet preso, não mais como o pássaro em uma gaiola, mas no seu encantamento por Gradiva, vê ruir seus devaneios, sua fantasia, seu delírio ao aproximar-se cada vez mais da mulher por trás da imagem de Gradiva. Zoé dá-se a vista e, com isso, deixa o jovem Norbet perturbado ao notar nela também uma inconsistência que lhe parecia ser só sua.

O delírio só é eficaz pelo elemento de verdade histórica que ele insere no lugar da realidade rejeitada. E essa a verdade construída só aparece naquilo que é menos verdadeiro, denunciando um absurdo, algo a respeito do qual ninguém sabe, mas está presente, como que estrutural para os homens (FREUD, 1937a/1996).

Dessa maneira, Norbet começou então a se questionar da possibilidade de uma moça de Pompeia retornar à vida após haver sido soterrada. Um desejo de revê-la mistura-se a vontade de fugir daquele lugar. Mas, desta vez, Gradiva-Zoé, não o deixou escapar e desvelando-se por completa, ou pelo menos até onde podia desvelar-se, deu mostras de que o delírio do jovem Norbet não passava de uma história de amor antiga.

Zoé, ao perceber que manter a farsa comprometeria a continuidade dos encontros com Norbet, revela conhecê-lo de outro lugar, há muito mais tempo do que ele poderia imaginar. Era dona do canário enjaulado que havia despertado o interesse de Norbet libertar-se rumo a Pompéia. Conheciam-se desde a infância e costumavam brincar pela vizinhança na qual cresceram (FREUD, 1907/2015).

Com essa informação é muito provável que o delírio de Norbet teve origem nas suas impressões infantis. Assim, se as fantasias do arqueólogo foram recordações transformadas, as respostas sobre a infância de Norbet podem estar relacionadas a própria história da jovem Zoé. A respeito de sua infância, Zoé relatou que encontrou em Norbet um amigo e cúmplice para as brincadeiras infantis, uma vez que não tinha irmãos, era órfã de mãe, e seu pai mal tinha interesse por ela, preferindo os estudos pela zoologia. Refugiava-se, assim, na amizade com Norbet até o momento que ele passou a se ocupar com os estudos sobre a Antiguidade, distanciando-se dela (FREUD, 1907/2015).

Zoé não podia imaginar que a fantasia de Norbet os uniria novamente e, por isso, decidiu entrar no jogo que o velho amigo a convidou. Aqui, Norbet e o pai da bela jovem assemelham-se pelo interesse pelos estudos, deixando-a de lado. A imersão nos estudos fez que Norbet se afastasse de Zoé a ponto de não mais reconhecê-la (FREUD, 1907/2015).

Zoé, com seu gesto, deixou de lado um pouco de si, doando-se aos devaneios do amado Norbet, que se via preso em seu fascínio por uma imagem petrificada, que ele mesmo cunhou de Gradiva, a mulher que anda, e passou a nutrir por ela tamanha estima. À Gradiva, Norbet dá vida, de início, em seus sonhos, depois faz ela protagonista de sua vida e, por fim, decide alçar novos voos ao encontro de não sabe bem o quê, mas imaginava que seria importante a partir do instante em que da janela de seus aposentos avistou um canário preso em sua gaiola e teve a certeza que, diferentemente do belo pássaro, ele podia voar (FREUD, 1907/2015).

Assim, decidiu ir à Roma procurar por Gradiva, que em seus devaneios havia sido soterrada em algum lugar de Pompeia anos atrás. Por sua surpresa ou espanto, teve-se guiado pelo próprio desejo que o colocou diante do que tanto procurava: Gradiva. Mal podia acreditar que estava na presença da mulher que tanto sonhou, porém, aos poucos passou a desconfiar que na realidade Gradiva não havia retornado da Antiguidade para agradar seus olhos (FREUD, 1907/2015).

Porém, a jovem Gradiva-Zoé decidiu entrar no delírio de Norbet e o fez de uma maneira sutil, mostrando-se aos poucos aos olhos de seu admirador. Em cada encontro, Norbert via-se mais fascinado por ela, que por sua vez, desnudava-se frente ao amado chamando-o para a realidade que ele havia abandonado, mesmo correndo o risco de por ele ser desmascarada.

Ela paga o preço por querê-lo livre e ele mal sabia que ela já estava em seus sonhos muito antes de Gradiva invadir sua vida. Zoé era sua amiga de infância e por ele foi desprezada quando na mocidade seus interesses o direcionaram aos estudos da Antiguidade. Norbert simplesmente a esqueceu, nem ao menos pode desconfiar que o canário que ele avistava, motivando-o sua ida à Itália, pertencia a jovem e bela que o encantava e que, mesmo a poucos passos distância, seus olhos só puderam observá-la em terras estrangeiras. Norbert teve que percorrer um longo caminho e distanciar-se de sua realidade para ver o que já estava diante dele, ao alcance de seus olhos (FREUD, 1907/2015).

Assim se deu com Tuda, que somente após contato com a doutora percebeu que os devaneios da mulher madura não tinham mais valor do que os delas, de menina. Afinal, angustiava Tuda assuntos sobre sua própria existência, mas o acesso a esse saber só é possível por meio da fantasia, construída por cada um à sua própria maneira. Uma fantasia colocada a serviço de um tempo imemorial, sem a intenção de tamponar o furo de saber que marca o início da vida humana, mas acentuando a falta de consistência que faz cada um ser quem é.

Diante dessa possibilidade, Tuda sentiu-se livre como nunca estivera antes, mas logo o peso da responsabilidade de sua própria vida passou a pesar demais e Tuda sentiu medo, vendo-se novamente sozinha em meio a imensidão do mundo. Neste exato ponto algo da verdade de Tuda pode emergir, não sem antes causar tamanho desconforto, afinal, estava ela dividida entre saber um pouco mais de si e a sua própria verdade que lhe parecia gritante e desconexa frente a tudo o que lhe era familiar.

Freud nomeou de o inquietante, o estranho, (*Unheimliche*) o encontro com aquilo que parece oculto, mas na verdade é muito familiar (FREUD, 1919b/2010). Freud supôs que essa inquietação pode derivar de “uma regressão a um tempo em que o Eu ainda não se delimitava nitidamente em relação ao mundo externo e aos outros” (FREUD, 1919b/2010, p. 354).

Dessa maneira, o inquietante estaria relacionado à vida psíquica infantil. Para Freud, no inconsciente há a primazia da compulsão à repetição ligada às pulsões, que ao serem reprimidas podem retornar como o inquietante, ademais ao fato de estabelecerem com ele uma forte ligação com o complexo de castração (FREUD, 191b/2010).

Devido à repressão, o conteúdo considerado no inquietante provém da realidade psíquica ao invés da realidade material:

O efeito inquietante é fácil e frequentemente atingido quando a fronteira entre fantasia e realidade é apagada, quando nos vem ao encontro algo real que até então víamos como fantasístico. (FREUD, 1919b/2010, p. 364).

O horror de Tuda se manifestou quando ela se deparou com a extimidade que lhe é inerente. É insuportável para ela carregar consigo a névoa misteriosa da qual ela mesma se queixava. Assim, Tuda não podia mais se separar do enigma que a fazia avançar, ao mesmo tempo em que não podia mais ignorar a inconsistência da verdade de sua origem, uma verdade que se fazia a partir de seu próprio caminhar.

Assim, Tuda em sua busca pelo saber, deparou-se com a verdade da diferença radical, tal como a criança em suas primeiras investigações sexuais descobre a diferença entre os sexos. E, apesar de não estar em um processo de análise, Tuda pode reabrir seu desejo de saber, tal como o processo analítico, que se propõe a colocar em questão o saber inconsciente do analisando (PORGE, 2009).

Neste caso, verdade e fantasia aparecem articuladas como um nó, que se presta a enunciar o que há de mais propriamente humano: por um lado o horror frente a divisão psíquica e, por outro, as artimanhas criadas pelo psiquismo a fim de fazer-se inteiro.

Como podia Tuda suportar sua desorientação? Via ela sua essência revelar-se a partir do nada, uma ausência absoluta de fundamento, que a colocava diante de um precipício. Sua verdade estava incompleta e não havia outra forma de conhecê-

la, senão pela estrutura ficcional, que anunciava aos gritos módicos a incomensurabilidade de sua existência.

Assim, se deu com Norbet que somente a partir de seu delírio pode viver o que lhe cabia. Antes disso, percorreu um longo caminho, precisou distanciar-se de Zoé menina, explorando seus estudos pela Antiguidade e deixando-se apaixonar pela imagem de Gradiva, para então, estar pronto a nova relação com a Zoé mulher.

Não há dúvidas que foi em seu interesse pela escultura de Gradiva que o jovem Norbert dispôs-se a desbravar algo ainda desconhecido, pelo menos desconhecido conscientemente, já que seu amor por Zoé não era nenhuma novidade, mas defrontar-se com isso só foi possível desviando-se de seu caminho, deixando-se enlouquecer por algo que ele mesmo criou, para então encontrá-la novamente e encontrar-se, só que dessa vez em um outro lugar. Esse fato ficou evidente quando Norbet se deu conta que o sobrenome de Zoé é Bertgang e tem o mesmo significado de Gradiva - aquela que brilha ao andar. Estando no cerne de seu apaixonamento o esquecimento do sobrenome da amada de infância (FREUD, 1907/2015).

Assim, o jovem arqueólogo teve o início de seu delírio associado a uma impressão externa, que o fez viver de maneira deslocada suas vivências infantis, que foram reprimidas por serem marcadas por desejos eróticos. Freud (1907/2015) esclareceu, nesta obra, que aquilo que é reprimido está em constante movimento, a fim de se exteriorizar ao mesmo passo em que resiste. No caso do jovem arqueólogo, suas lembranças infantis encontravam-se reprimidas muito provavelmente devido a um sentimento erótico que Norbet alimentava por Zoé, e que deveria permanecer oculto, pois representava ao jovem rapaz um conflito que, mesmo inconsciente, deixava-se escapar em seus delírios.

Freud já havia percebido que uma história só pode ser acessada a partir de fragmentos de relatos, exatamente pelo fato do começo ser registrado em um momento anterior a qualquer compreensão possível, não por menos, desse registro os homens nada queiram saber, embora clamem por respostas falsas, que os confortem frente a precariedade do que os sustentam.

Assim, a fantasia aparece, arbitrária, insuspeita e inócua, cumprindo, no caso de Norbet, uma função essencial em sua história ao fazê-lo seguir adiante, rumo a algo que ele mal conhecia, permitindo com seu movimento a fluidez do enredo (FREUD, 1907/2015).

Norbet teve seu ato revestido de um interesse científico e totalmente consciente. O que ele não sabia é que sua intenção pelos estudos e a fantasia criada, a partir de suas investigações iniciais, estavam a serviço de encobrir algo inconsciente. A fantasia de Norbert o fez agir rumo ao desejo inconsciente por meio do seu interesse pela arqueologia, e até certo ponto conseguiram dialogar perfeitamente, um pondo-se a serviço do outro.

Contudo, não tardou para que os dois interesses começassem a entrar em conflito. Não podendo mais sustentar a ideia da reaparição de Gradiva das ruínas de Pompeia, Norbet teve que abandonar suas ideias iniciais, pois sabia da impossibilidade de sua teoria. Frente a isso, Norbet vê-se obrigado a tomar uma posição. Fugir ou bancar tudo aquilo que ele mal podia compreender?

Poder-se-ia dizer que Norbert escolheu não retroceder frente ao seu desejo e, tomado por uma posição ética, escolhe ficar, tal como um analisante que escolhe dizer um pouco mais sobre aquilo cujos limites lhe escapa e assume bancar as consequências dessa escolha, mesmo sem saber onde vai chegar.

Freud, diante do desejo de transmitir o novo saber que a psicanálise vinha anunciar, recorreu constantemente ao texto literário para expor suas hipóteses, respaldar sua clínica e relatar seus casos como verdadeiros romances. Para ele, a arte precede a ciência, sendo ela uma testemunha do inconsciente (JORGE, 2010).

A arte com sua beleza poética permite dizer de diversas formas sobre o indizível. Assim, Clarice Lispector presta um verdadeiro serviço à psicanálise, propondo-se a elucidar por meio de sua personagem fictícia o vasto caminho que se percorre quando o que está em questão é a própria existência.

Dessa maneira, a jovem Tuda pode deparar-se com aquilo que ela própria vinha construindo, a ponto de saber que nada no mundo lhe era mais verdadeiro. Porém, um furo permanecia, mas talvez, ao longo dessa jornada, ela não pensava mais em preenchê-lo, pois essa era a condição dela manter-se em contínua descoberta.

Assim, ir de encontro ao vazio de uma história que se quer completa, pode propiciar, não mais a esperança de se no final algo alcançar, mas sobretudo o deleite durante o próprio caminho. E isso, Tuda e o jovem Norbet puderam experienciar.

Ela, descobrindo o mundo pelos seus próprios olhos e ele, apaixonando-se pela mulher que lhe convidou a ir um pouco mais além, mostrando-lhe que na

diferença é possível construir poesia. Eis, portanto, a cura que foi possível à Norbet: a cura pelo amor:

[...] os sintomas devido aos quais o tratamento foi empreendido não são outra coisa senão precipitados de lutas anteriores ligadas à repressão ou o retorno [do reprimido], e podem ser resolvidos e afastados apenas por uma nova maré das mesmas paixões. Cada tratamento psicanalítico é uma tentativa de liberar o amor reprimido que achou uma pobre saída no compromisso de um sintoma. (FREUD, 1907/2015, p.78).

Assim, Norbet encontrou uma forma de satisfação fantasística capaz de produzir um laço social que não faça apelo à força e nem mesmo um elogio a transgressão (FREUD, 1917c/2014), deixando sempre algo mais a ser desbravado.

É delineado, dessa forma, o percurso da criação fantasística a partir dos devaneios do jovem protagonista Norbet, que no texto de Freud, bastante denso, já carrega consigo o que vai ser delineado sobre este conceito nos anos posteriores, e possibilita com que se pense a relevância da fantasia para cada um que, a partir dela, coloca-se em movimento, rumo a não se sabe o que do desejo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Freud (1908a/2015), em *O poeta e o fantasiar*, lamentou-se por não ser, tal como os poetas, um escritor que desperta em seus leitores as mais diversas emoções, tocando-os no que há de mais íntimo e pessoal. Contudo, conferirá a origem do poder criativo, que tanto apreciava, no brincar das crianças, assim como, também em direção à infância, irá se reportar a fim de explicar a origem dos sintomas dos quais seus pacientes tanto se queixavam.

Dessa forma, recorrendo a tempos cada vez mais precoces, Freud encontrou, tanto em relação à origem dos sintomas neuróticos, quanto no cerne da criação poética, os caminhos que o levaram a considerar a prevalência da realidade psíquica sobre a realidade prática.

Assim, esboçava-se na teoria freudiana o surgimento de um importante conceito: a fantasia que, afetada pelas mudanças com o passar do tempo, nunca foi linear na teoria de Freud, o que dificulta em muito sua compreensão. Mas também há de se pensar se essa complexidade não é própria da fantasia, pois se não fosse complexa não refletiria algo tão demasiadamente humano.

Dessa forma a complexidade da fantasia é sua condição, pois assim como uma criança que brinca dando novas utilidades aos velhos objetos, o neurótico usa a fantasia da maneira como lhe apraz, mas também é usado por ela, no momento em que a fantasia passa a responder ao que nele faz furo, agindo clandestinamente a ponto de aprisionar os homens nas certezas que ela tenta construir.

Mas talvez, exatamente, por ter falhas, tanto quanto as têm os homens, que à fantasia é creditada uma verdade. Interessante é observar que, para dar conta de uma cisão que marca um corte no qual o neurótico se constitui, abre-se mão da solidez de um ato, da concretude da matéria, como se para proteger-se de um vendaval, abrigar-se ao vento já seria suficiente.

A caminho do engano o neurótico faz morada e satisfaz-se indiretamente com os ganhos da ignorância. Porém, não por muito tempo, pois fingir-se inteiro aos olhos do outro amado está fadado ao fracasso, porque aquilo que falta persiste em se manifestar, aliás nenhum objeto será suficientemente capaz de preencher a falta que no cerne do ser faz presença.

Talvez, dessa dicotomia entre ausência/presença, dentro/fora só seja possível falar a partir do jogo com as palavras, tal como fazem os poetas. Nessa brincadeira, as amarras com a idealização são afrouxadas, o que permite cada um criar um pouco de si onde não há garantias.

O encontro com aquilo que é desconhecido, embora haja constantemente, é da ordem do inapreensível. Por essa razão, o que uma análise pode fazer é acentuar essa cisão. Assim, o neurótico terá que se haver com a tragédia que o constitui, até compreender que fugir do encontro com a falta não o levará a lugar nenhum, ou melhor, o levará tal como Édipo à repetição, que mascara a diferença radical e fez do herói grego um rebotalho dele mesmo.

Parece que desse destino não se pode escapar facilmente e não somente o neurótico traz em si a marca de sua incompletude, mas também a psicanálise, capaz de transforma-se a medida que os avanços são inibidos quando o que se construiu já não dá mais conta das novas questões.

Pode-se pensar, com isso, que em análise muito tem a ser construído, e talvez a construção nunca acabe, acentuando a necessidade de novas construções. E se há uma fantasia primordial a ser construída em análise, quem garante que ela possa abarcar todas as questões que atinem o ser?

Afinal, antes da criação, muitas desconstruções são necessárias. É preciso que a incerteza nas perguntas passe a ser mais atraentes do que as respostas almejadas. Não seria este o caminho escolhido por Freud?

Com a coragem de um jovem visionário, Freud seguiu adiante, naquilo que pouco compreendia e questionando os saberes já existentes preferiu considerar as evidências que a clínica lhe apontava. Assim, criou a psicanálise e pôs em evidência o predomínio de um saber que age sem que se possa dele ter controle.

Circunscrevendo o indizível, Freud, por meio da fantasia, do mito, da ficção, sempre tinha um pouco mais a dizer daquilo que concerne o humano. Pois, ao marcar um início sem as amarras de um saber que se pretende inteiro, pode dele fazer várias leituras e brincar, tal como as crianças, com as possibilidades de um lugar vazio que convida cada um a pôr-se em movimento em uma criação própria, tal como aquela empreendida pelos poetas.

Os poemas são pássaros que chegam
não se sabe de onde e pousam
no livro que lê.

Quando fechas o livro, eles alçam vôo
como de um alçapão.
Eles não têm pouso
nem porto
alimentam-se um instante em cada par de mãos
e partem.
E olhas, então, essas tuas mãos vazias,
no maravilhoso espanto de saberes
que o alimento deles já estava em ti...
(Quintana, 1890).

Assim, já estava em Freud o alimento que ele atribuía aos poetas. Era dele a coragem de falar sobre o que não se queria ouvir e avesso ao discurso de seu tempo criou a psicanálise, acentuando o lirismo e a crueldade que subjaz a constituição psíquica, sem que deles se possa escapar, ao menos não sem bancar suas consequências e criando Freud convidou os demais a criarem, cada qual a sua maneira.

A psicanálise, então, marcada pelo desejo de seu precursor, convida a quem a ela se submete ir um pouco mais além, em uma jornada onde se desconstrói certezas postas, permitindo que, a partir disso, outras tantas possibilidades sejam criadas, em uma contínua reconciliação com quem se é e com aquele que virá a ser.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, C. D. (1984). Corpo. In. _____. **Nova reunião: 23 livros de poesia/ Carlos Drummond de Andrade**. São Paulo: Companhia das letras, 2015. p. 860-880.

AZOURI, C. Testemunhos de um encontro com o vazio. In. _____. **Nota azul: Freud, Lacan e a arte**. Tradução Cristina Lacerda e Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Contra-cap, 1997.

BATAILLE, L. (1987) **O umbigo do sonho: por uma prática da psicanálise**. Tradução Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

COLETTE, S. Trauma e Fantasia. In. Stylus. **Revista de psicanálise**. Rio de Janeiro: Associação Fóruns do Campo Lacaniano. 2004, p. 45-59.

COLLIN, L. **Tentame**. disponível em: <http://odiariodesaojorge.blogspot.com.br/2017/01/luci-collin-e-sua-poesia-do-caos-e.html>. Acesso em 12 de fevereiro de 2018.

COTTET, S. **Freud e o desejo do psicanalista**. Tradução Ari Roitman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1989.

DIDIER-WEILL, A. O artista e o psicanalista questionados um pelo outro. In. _____. **Nota azul: Freud, Lacan e a arte**. Tradução Cristina Lacerda e Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Contra-cap, 1997.

FREUD, S. (1893). Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos. In. _____. **Sigmund Freud Obras Completas Volume II**. Tradução Paulo César de Souza. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2016, p. 16-282.

_____ (1888-1892). Artigos sobre hipnotismo e sugestão. In. _____. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud Volume I**. Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 99-108.

_____ (1895). Projeto para uma psicologia científica. In. _____. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud Volume I**. Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 335-454.

____ (1940-41 [1892]). Esboço para a “comunicação preliminar” de 1893. In. _____. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud Volume I.** Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 189-198.

____ (1896). Rascunho K: as neuroses de defesa. In. _____. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud Volume I.** Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 267-276.

____ (1897a). Carta 59. In. _____. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud Volume I.** Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 293-293.

____ (1897b). Carta 61. In. _____. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud Volume I.** Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 296-297.

____ (1897c). Rascunho M: Notas II. In. _____. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud Volume I.** Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 300-303.

____ (1897d). Carta 67. In. _____. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud Volume I.** Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 309-309.

____ (1897e). Carta 69. In. _____. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud Volume I.** Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 309-311.

____ (1897f). Carta 70. In. _____. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud Volume I.** Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 311-314.

____ (1897g). Carta 71. In. _____. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud Volume I.** Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 314-317.

____ (1897h). Rascunho N: Notas III. In. _____. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud Volume I.** Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p.304-308.

____ (1899a). Carta 101. In. _____. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud Volume I.** Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 327-328.

_____, S. (1899b). Lembranças encobridoras. Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud Volume 3, E.S.B. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1900). A interpretação dos sonhos (II) e sobre os sonhos. In. _____. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud Volume V**. Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In. _____. **Sigmund Freud Obras Completas Volume VI**. Tradução Paulo César de Souza. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2016, p.13-172.

_____. (1906). Meus pontos de vista sobre o papel da sexualidade na etiologia das neuroses. In. _____. **Sigmund Freud Obras Completas Volume VI**. Tradução Paulo César de Souza. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2016, p.348-360.

_____. (1907a). O delírio e os sonhos na Gradiva de W. Jensen. In. _____. **Sigmund Freud Obras Completas Volume VIII**. Tradução Paulo César de Souza. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2015, p. 10-85.

_____. (1908a). O poeta e o fantasiar. In. _____. **Arte, Literatura e os artistas**. Tradução Ernani Chaves. Belo Horizonte: Autêntica, 2015, p.53-68.

_____. (1908b). As fantasias históricas e sua relação com a bissexualidade. In. _____. **Sigmund Freud Obras Completas Volume VIII**. Tradução Paulo César de Souza. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2015, p. 237-245.

_____. (1908c). Sobre as teorias sexuais infantis. In. _____. **Sigmund Freud Obras Completas Volume VIII**. Tradução Paulo César de Souza. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2015, p. 272-287.

_____. (1909). Considerações gerais sobre o ataque histérico. In. _____. **Sigmund Freud Obras Completas Volume VIII**. Tradução Paulo César de Souza. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2015, p. 287-294.

_____. (1910a). Cinco lições de psicanálise. In. _____. **Sigmund Freud Obras Completas Volume IX**. Tradução Paulo César de Souza. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2013, p.220-286.

____ (1910b), Uma lembrança de infância de Leonardo da Vinci. In. _____. **Arte, Literatura e os artistas**. Tradução Ernani Chaves. Belo Horizonte: Autêntica, 2015, p. 69-166.

____ (1911a). Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico. In. _____. **Sigmund Freud Obras Completas Volume X**. Tradução Paulo César de Souza. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2010, p. 81-91.

____ (1911b). Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia, o caso schreber. In. _____. **Sigmund Freud Obras Completas Volume X**. Tradução Paulo César de Souza. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2010, p. 9-80.

____ (1913). Totem e Tabu. In. _____. **Sigmund Freud Obras Completas Volume XI**. Tradução Paulo César de Souza. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2012, p.13-244.

____ (1914a). Contribuição à história do movimento psicanalítico. In. _____. **Sigmund Freud Obras Completas Volume XI**. Tradução Paulo César de Souza. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2012, p. 245-327.

____ (1914b). Introdução ao narcisismo. In. _____. **Sigmund Freud Obras Completas Volume XII**. Tradução Paulo César de Souza. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2010, p. 13-50.

____ (1914c). Recordar, repetir e elaborar. In. _____. **Sigmund Freud Obras Completas Volume X**. Tradução Paulo César de Souza. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2010, p. 146-159.

____ (1915a). Pulsão e seus destinos. In. _____. **As pulsões e seus destinos**. Tradução Pedro Heliodoro Tavares. Belo Horizonte: Autêntica, 2017, p. 13-72.

____ (1915b). A repressão. In. _____. **Sigmund Freud Obras Completas Volume XII**. Tradução Paulo César de Souza. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2010, p. 82-98.

____ (1915c). O inconsciente. In. _____. **Sigmund Freud Obras Completas Volume XII**. Tradução Paulo César de Souza. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2010, p. 99-150.

____, (1917d). Conferência 18: A fixação do trauma, o inconsciente. In. _____. **Sigmund Freud Obras Completas Volume XIII**. Tradução Paulo César de Souza. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2014, p. 181-190.

____ (1917a). Conferência 20: A vida sexual humana. In. _____. **Sigmund Freud Obras Completas Volume XIII**. Tradução Paulo César de Souza. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2014, p. 153-160.

____ (1917b). conferência 21: O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais. In. _____. **Sigmund Freud Obras Completas Volume XIII**. Tradução Paulo César de Souza. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2014, p. 161-171.

____ (1917c). Conferência 22: Considerações sobre o desenvolvimento e regressão: etiologia. In. _____. **Sigmund Freud Obras Completas Volume XIII**. Tradução Paulo César de Souza. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2014, p. 171-181.

____ (1917e). Conferência 23: Os caminhos da formação dos sintomas. In. _____. **Sigmund Freud Obras Completas Volume XIII**. Tradução Paulo César de Souza. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2014, p. 181-190.

____ 1918 [1914]. História de uma neurose infantil, o homem dos lobos. In. _____. **Sigmund Freud Obras Completas Volume XIV**. Tradução Paulo César de Souza. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2010, p. 13-160.

____ (1919a). Batem numa criança: contribuição ao conhecimento da gênese das perversões sexuais. In. _____. **Sigmund Freud Obras Completas Volume XIV**. Tradução Paulo César de Souza. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2010, p. 293-327.

____ (1919b). O inquietante. In. _____. **Sigmund Freud Obras Completas Volume XIV**. Tradução Paulo César de Souza. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2010, p. 328-376.

_____ (1920). Além do princípio do prazer. In. _____. **Sigmund Freud Obras Completas Volume XIV**. Tradução Paulo César de Souza. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2010, p. 161-239.

_____ (1921). Psicologia das massas e análise do Eu. In. _____. **Sigmund Freud Obras Completas Volume XV**. Tradução Paulo César de Souza. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2011, p. 13-113.

_____ (1923a). O Eu e o Id. In. _____. **Sigmund Freud Obras Completas Volume XVI**. Tradução Paulo César de Souza. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2011, p. 13-74.

_____ (1923b). A organização genital infantil. In. _____. **Sigmund Freud Obras Completas Volume XIV**. Tradução Paulo César de Souza. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2011, p. 168-175.

_____ (1924a). O problema econômico do masoquismo. In. _____. **Sigmund Freud Obras Completas Volume XIV**. Tradução Paulo César de Souza. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2011, p. 184-202.

_____ (1924b). A dissolução do complexo de Édipo. In. _____. **Sigmund Freud Obras Completas Volume XIV**. Tradução Paulo César de Souza. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2011, p. 203-213.

_____ (1925). Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos. In. _____. **Sigmund Freud Obras Completas Volume XVI**. Tradução Paulo César de Souza. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2011, p. 283-299.

_____ (1927). O futuro de uma ilusão. In. _____. **Pequena Coleção das obras de Freud**. Tradução José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1974, p. 13-74.

_____ (1931). Sexualidade Feminina. In. _____. **Pequena Coleção das obras de Freud**. Tradução José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1974, p. 75-96.

_____ (1937a). Construções em Análise. In. _____. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud Volume XXIII**. Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 275-290.

_____ (1937b). Análise terminável e interminável. In. _____. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud Volume XXIII**. Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 225-274.

_____ (1938) A cisão do Eu no processo de defesa. In. _____. **Escritos sobre a psicologia do inconsciente Volume III**. Tradução Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago, 2007, p. 171-181.

GARCIA-ROZA, L. A. (1936a). **Introdução à metapsicologia freudiana: A interpretação do sonho**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

_____. (1936). **Introdução à metapsicologia freudiana: Artigos de metapsicologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008, 7ªed.

_____. (1936). **Freud e o inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009, 24ªed.

IANINI, G. Epistemologia da pulsão: fantasia, ciência, mito. In. Freud, S. **As pulsões e seus destinos**. Tradução Pedro Heliodoro Tavares. Belo Horizonte: Autêntica, 2017, p. 91-134.

JORGE, M. A. C. **Fundamentos de psicanálise de Freud a Lacan: a clínica da fantasia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010. v.2.

KELH, M. R. **Sobre ética e psicanálise**. São Paulo, Companhia das letras, 2002.

LAPLANCHE. J. **Vocabulário de Psicanálise**. Tradução Pedro Tamen. São Paulo: Martins fontes, 2001, 4ªed.

Laplanche, J. & Pontalis, J.-B. **Fantasia originária, fantasias das origens e origens da fantasia**. Tradução Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

LISPECTOR, C. Gertrudes pede um conselho. In. Moses, B. (org.). **Todos os contos**. Rio de Janeiro: Rocco, 2016.

LISPECTOR, C. As três experiências. Disponível em: <https://claricelispector.blogspot.com.br/2008/01/as-trs-experincias.html>. Acessado em 16 de jan de 2017.

MILLER, J.-A. **Dos dimensiones Clinicas: sintoma y fantasma**. Buenos Aires, Manantial, 2007.

PORGE, E. **Transmitir a clínica psicanalítica: Freud, Lacan, hoje**. Tradução Viviane Veras e Paulo de Souza. Campinas: Unicamp, 2009.

QUINTANA, Mario. Os poemas. In _____. **Esconderijos do tempo**. Porto Alegre, L&P, 1980.

ROSA, J. G. Luas-de-mel. In _____. **Primeiras estórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: 2016.

ROUDINESCO, E. & PLON, M. (1944) **Dicionário de psicanálise**. tradução Vera Ribeiro, Lucy Magalhães, Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

ROUDINESCO, E. **Sigmund Freud: na nossa época e em nosso tempo**. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2016

TYSZLER, J.-J. **O fantasma na clínica psicanalítica**. Tradução Letícia P. Fonseca. Recife: Association Lacanienne internationale, 2014.